

INSTITUTO DE ESTUDOS SUPERIORES MILITARES
CURSO DE ESTADO-MAIOR CONJUNTO

2010 / 2011



TRABALHO DE INVESTIGAÇÃO INDIVIDUAL

O TEXTO CORRESPONDE A UM TRABALHO ELABORADO DURANTE A FREQUÊNCIA DO CURSO DE ESTADO-MAIOR CONJUNTO NO IESM, SENDO DA RESPONSABILIDADE DO SEU AUTOR, NÃO CONSTITUINDO ASSIM DOUTRINA OFICIAL DA MARINHA PORTUGUESA, DO EXÉRCITO PORTUGUÊS OU DA FORÇA AÉREA PORTUGUESA.

**TENDÊNCIA DOS CONFLITOS ARMADOS – MENOS
GUERRAS INTERESTATAIS**

SIDÓNIO CARNEIRO DIAS
MAJOR DE ENGENHARIA



INSTITUTO DE ESTUDOS SUPERIORES MILITARES

TENDÊNCIA DOS CONFLITOS ARMADOS – MENOS GUERRAS INTERESTATAIS

MAJ ENG Sidónio Dias

Trabalho de Investigação Individual do CEMC 2010/11

Lisboa 2011



INSTITUTO DE ESTUDOS SUPERIORES MILITARES

**TENDÊNCIA DOS CONFLITOS ARMADOS – MENOS GUERRAS
INTERESTATAIS**

MAJ ENG Sidónio Dias

Trabalho de Investigação Individual do CEMC 2010/11

Orientador: TCOR INF Abílio Lousada

Lisboa 2010



“Seja realista, espere o impossível”

(George Friedman)



Agradecimentos

Durante o período de realização deste Trabalho de Investigação Individual, beneficiámos de alguns apoios, aos quais é de elementar justiça expressar o nosso reconhecimento.

O primeiro agradecimento pessoal é dirigido ao meu orientador, Tenente-Coronel Abílio Lousada, pela sua permanente disponibilidade, incentivo, paciência e apoio.

Os agradecimentos seguintes vão para todos aqueles que contribuíram com os seus conhecimentos e conselhos para estruturação e elaboração deste trabalho. Um reconhecimento especial, ao General Loureiro dos Santos e ao Doutor Luís Tomé pela disponibilidade em me receberem, pelas ideias valiosas que me transmitiram e indicações sobre o trilho a percorrer para o desenvolvimento do tema.

Foram diversas as personalidades e amigos com quem partilhei e discuti este estudo. No entanto não posso deixar de relevar a colaboração do Tenente-Coronel Proença Garcia e do Doutor Peter Wallensteen da Universidade de Uppsala, pelas suas respostas rápidas sempre que solicitadas por correio electrónico, que me permitiram mais facilmente atingir os objectivos definidos.

A todos, um bem hajam e muito obrigado.



Índice

Índice de figuras	IV
Índice de tabelas	IV
Índice de anexos	IV
Resumo	V
Abstract.....	VI
Palavras-Chave	VII
Lista de abreviaturas, siglas e acrônimos	VII
1. Introdução.....	1
2. Enquadramento.....	5
a. As novas guerras	7
b. As velhas guerras	9
c. As razões para a mudança.....	11
d. Metodologia associadas ao estudo da guerra - peace research	12
3. Tendência dos conflitos armados	13
4. Caracterização político-estratégica dos Conflitos no Médio Oriente.....	23
a. Conflitos Israelo-árabes (1948 - 1973)	24
b. Conflitos Israelo-Líbano (1982 - 2006).....	29
c. A Guerra Irão - Iraque (1980 - 1988).....	29
d. A Guerra do Golfo (1990 - 1991)	33
e. A Guerra do Iraque (2003).....	33
5. Prospectiva da tendência dos conflitos armados para o Médio Oriente	34
6. Conclusões	45
Referências bibliográficas	
Anexos	



Índice de figuras

Figura 1 – Localização Tendência dos conflitos armados por tipo, de 1946 – 2009.....15

Figura 2 – Tendência dos conflitos armados por tipo e região, de 1946 – 2005..... 22

Índice de Tabelas

Tabela 1 – Incidência das guerras interestatais no Sistema Político Internacional.....10

Tabela 2 – Conflitos Intraestatais e Interestatais de 1989 a 200916

Índice de anexos

Anexo A - Conceptualização

Anexo B - Lista das guerras inter-estatais desde a Segunda Guerra Mundial

Anexo C - Matriz de Validação



Resumo

A guerra tem ao longo da história marcado a evolução da civilização humana. Aristóteles disse “O homem é um animal político”, não contente, Clausewitz acrescentou “um animal político é um animal que faz a guerra”. No entanto a guerra parece já não obedecer apenas à concepção clausewitziana (Estado, Forças Armadas, População), mas também a uma violência global, assimétrica e permanente, sem origem clara. Estamos a assistir a uma alteração no sistema internacional, que em relativamente pouco tempo passou de bipolar, que caracterizou a guerra fria, para um mundo com tendência unipolar, após 1991. E agora, ao fim de 20 anos, assiste-se à tendência de transição do momento unipolar para uma distribuição de poder multipolar, com a ascensão de novas potências emergentes e de actores não estatais.

Estas alterações levaram a que alguns académicos defendam que as guerras interestatais estão a dar lugar às guerras intraestatais, podendo mesmo estar a caminho do fim das guerras entre Estados, em sua substituição emergiram “novas guerras”. São conflitos que surgem da desintegração dos Estados e a subsequente luta pelo seu controlo por grupos opositores.

Com base no Programa de Dados sobre Conflitos Armados da Universidade de Uppsala, de 1945 a 2009, verificamos que em termos absolutos não podemos afirmar que existe uma tendência, as guerras interestatais são irregulares no tempo. Por outro lado com estudos apoiados no programa *Correlates of War* conclui-se que atravessamos uma fase de diminuição da probabilidade das guerras Interestatais, o que não significa que esta tendência não inverta no futuro visto já ter acontecido no passado. Por outro lado existem regiões onde os conflitos interestatais continuam a ser comuns e com alguma probabilidade de ocorrência, nomeadamente o Médio Oriente. As causas das guerras no médio oriente não estão ainda sanadas, a disputa territorial pela palestina continua, o equilíbrio de poderes poder ser novamente posto em causa com um irão nuclear, os conflitos étnicos e religiosos entre Xiitas e Sunitas, árabes e persas estão hoje perfeitamente vivos, a luta pelos recursos tende a acentuar-se no futuro. Pelos cenários analisados todos eles prevêem a continuação da conflitualidade, a paz perpétua de Kant tudo indica que vai ter de esperar por outra configuração do sistema internacional.



Abstract

The war has throughout history marked the evolution of human civilization. Aristotle said, "man is a political animal," not happy, Clausewitz added "a political animal is an animal that makes the war". However the war no longer seems to obey only the design clausewitziana (State, armed forces, Population), but also a global violence, asymmetric and permanent, with no light source. We are witnessing a change in the international system, which in relatively little time spent of bipolar, that characterized the cold war, to a unipolar world with trend, after 1991. And now, after 20 years, the trend of transition time unipolar to a multipolar power distribution, with the rise of new emerging powers and non-State actors. These changes have led to some academics argue that the intra-state wars are taking place to the wars which affect them, and may even be on the way to the end of wars between States, in its place emerged "new wars". Are conflicts that arise from the disintegration of States and the subsequent struggle for control by opponents. Based on data on armed conflicts of Uppsala University, 1945 to 2009, we absolutely cannot claim that there is a tendency, the inter-State wars are irregular in time. On the other hand with studies supported in program Correlates of War that we are going through a phase of decreasing probability of Inter-state wars, which does not mean that this trend will not reverse in the future as has already happened in the past. On the other hand there are regions where inter-State conflicts remain common and with some probability of occurrence, in particular the Middle East. The causes of wars in the Middle East are not remedied, the territorial dispute over Palestine continues, the balance of powers can be challenged with a nuclear Iran, ethnic and religious conflicts between Shiites and Sunnis, Arabs and Persians are perfectly alive today the struggle for resources tends to worsen in the future. By the scenarios analysed all they provide for the continuation of the conflict, Kant's perpetual peace that will have to wait for another configuration of the international system.



Palavras-chave

Guerra

Conflitos Armados

Tendência

Conflitos Interestatais

Médio Oriente

Causas dos Conflitos

Prospectiva

Cenários



Lista de abreviaturas

ACT	Allied Command Transformation
ADM	Armas de Destruição Massiva
COW	Correlates of War
EDA	European Defense Agency
EUISS	European Union Institute for Security Studies
EUA	Estados Unidos da América
MFP	Multiple Future Project
NATO	Nort Atlantic Treaty Organization
QC	Questão Central
QD	Questão Derivada
SPI	Sistema Político Internacional
UE	União Europeia



1. Introdução

a. Introdução ao tema e definição do contexto da investigação

O estudo dos conflitos armados sempre se constituiu de enorme importância, quanto mais não seja porque é a guerra que molda as civilizações.

As guerras interestatais estão a dar lugar às guerras intraestatais, segundo Kalevi Holsti (1996), a grande maioria das guerras ocorridas depois de 1945 desenrolam-se no interior dos estados: «perto de 77 por cento das 164 guerras inventariadas foram de ordem interna, dando lugar a combates não contra um outro Estado, mas contra autoridades estatais do país ou entre comunidades». Sendo nós, militares, actores principais nos conflitos armados e estando estes em mudança, faz todo o sentido a sua análise, para melhor percebermos e nos prepararmos para os acontecimentos futuros. A tendência dos conflitos armados quanto à sua tipologia, principalmente os interestatais, vai constituir a base desta investigação.

As principais áreas do conhecimento a abordar neste trabalho passam pela História, no estudo dos conflitos, pela Estratégia, na compreensão da dialéctica das vontades e da força para resolver os conflitos, e pelas Relações Internacionais, no estudo necessário das relações políticas, económicas e sociais entre os diferentes Estados tendo por base o Sistema Internacional. Uma outra área do conhecimento a utilizar neste trabalho será a Prospectiva Estratégica, uma visualização do futuro na perspectiva de Alvin Toffler (1991) que disse: “Ninguém pode prever o futuro. O que podemos fazer é identificar algumas tendências do desenvolvimento e tentar entender aonde esse desenvolvimento vai nos levar”.

b. Justificação do estudo e importância do tema

Desde o final da II Guerra Mundial ocorreram mais conflitos armados em todo o planeta do que em séculos anteriores e essa tendência acentuou-se até meados da década de 90 do século passado. O século XXI tem-nos mostrado um mundo em constante conflito, no entanto em menor número relativamente ao fim do século passado, com tendência para a conflitualidade intra-estatal em oposição a uma maior paz entre os Estados do Sistema Internacional.

Ao fim de 46 anos de um sistema internacional bipolar, que caracterizou a guerra fria, passámos, em 1991 com o colapso da União Soviética, a um mundo com tendência unipolar. No entanto, ao fim de 20 anos assiste-se à tendência de transição deste momento



unipolar para uma distribuição de poder multipolar. A ascensão de novas potências (China, Índia, Brasil), de actores não estatais (Organizações terroristas: Al-Qaida, Hesbollah; Crime organizado transnacional; movimentos independentistas) apoiados em fundamentalismos religiosos e culturais, a procura da arma nuclear por actores estatais (Irão, Coreia do Norte) e não estatais (grupos terroristas) poderá levar a fricções na competição internacional passíveis de evoluírem para formas de conflitualidade hostil. Enquanto isso a globalização continuará a contribuir para a reorganização das potências segundo o estatuto geográfico, étnico, religioso e socioeconómico. Assegurando também a difusão e a acessibilidade da tecnologia, facilitando a disrupção das sociedades modernas.

Verifica-se também que o facto de neste período existir um reduzido número de conflitos travados directamente entre dois estados soberanos, poder ser um indicador que sustenta a opinião de alguns analistas quando descredibilizam a possibilidade de guerras decisivas entre grandes potências, considerando apenas um ambiente de segurança pululado por uma miríade de pequenos conflitos (Steven Metz). Outros realçam a ineficácia técnica da guerra – estrategicamente desadequada para os fins políticos – advogando mesmo a possibilidade do relacionamento entre Estados arredar definitivamente os meios violentos para a consecução dos seus interesses nacionais (Luís Moita). Amy Belasco, no Relatório para o Congresso Americano *“The Cost of Iraq, Afghanistan, and Other Global War on Terror Operations Since 9/11”*, destaca que os laços económicos podem dissuadir a Guerra, tornando-a um instrumento excessivamente dispendioso (1200 mil milhões de USD desde 2001 até 2011, no Iraque no Afeganistão e em Operações Especiais). Joseph Nye diz que a busca do poder na Era da Informação tem-se tornado menos coerciva entre países desenvolvidos.

Uma das principais razões para um possível interlúdio na guerra entre potências tem a ver com a assimetria de poder militar relativamente ao EUA que impede a confrontação directa dos outros competidores (Colin Gray). No entanto, esta suposição não significa que esses competidores renunciarão a competir de forma hostil com os Estados Unidos da América (EUA), significa apenas que serão mais inovadores quando desafiarem a hegemonia americana.

O espectro de conflito hostil transfigurou-se neste novo século. As referências a termos como Guerra Irregular, Não-convencional, Assimétrica, conflitos fluidos, Híbridos e guerras de 4ª geração estão espalhadas pela literatura. Estamos, portanto, perante uma



tendência de mudança no tipo de conflitos armados, com indicação para menos guerras interestatais comparativamente com as guerras intraestatais.

c. Objecto do estudo e sua delimitação

O objecto de estudo deste trabalho é analisar a actual tendência dos conflitos armados, sendo estes cada vez menos interestatais e mais intraestatais, prospectivando uma tendência futura.

Será um trabalho académico, de índole científica, e principalmente devido aos limites impostos de tempo e da dimensão do corpo do trabalho, é fundamental restringir o tema, prevendo assim uma orientação do leitor para uma área mais concreta de análise e respectivo estudo. Sendo assim este estudo limita o espaço físico de estudo ao Médio Oriente e ao espaço temporal pós 1945. Entendemos como Médio Oriente o espaço constituído pela Península Arábica ao centro, o Egipto a Oeste, a Turquia a Norte e o Irão a Este.

O objecto de estudo será então identificar a tendência dos conflitos armados interestatais no mundo. Verificar se a região do Médio Oriente segue a tendência global, ou, pelo contrário, segue outra tendência. Vamos verificar também, com base em cenários estudados, qual a tendência a médio prazo, para o período 2015- 2030, com o foco em 2025.

Para o seu desenvolvimento serão assumidos vários pressupostos baseados no estudo dos conflitos desde 1945. Utilizaremos o programa de contabilização de conflitos armados da Universidade de Uppsala, assim como a base conceptual usada no seu estudo dos conflitos.

O Objectivo principal da investigação será:
Identificar a tendência dos conflitos armados interestatais no Médio Oriente, a médio prazo, para o período 2015- 2030, com o foco em 2025.

Face ao objectivo principal, e de acordo com o tema enquadrante, foram definidos os seguintes objectivos secundários:

- Analisar a tendência dos conflitos armados desde 1945;
- Analisar a tendência dos conflitos armados no médio oriente a partir de 1945;
- Identificar os factores comuns que estão na origem dos conflitos interestatais no Médio Oriente;



- Prospectivar a influência dos factores encontrados como causas de novos conflitos armados.

d. Procedimento metodológico seguido

Na execução deste trabalho pretendemos seguir o método que enfatiza a pesquisa bibliográfica sobre o tema em apreço, onde abordamos o enquadramento conceptual da conflitualidade mundial e especificamente no Médio Oriente.

O Modelo de Análise a utilizar irá basear-se no Método Hipotético-Dedutivo, cuja construção parte de postulados identificados, como modelo de interpretação do fenómeno estudado. Este modelo vai gerar, através de um trabalho lógico, hipóteses, conceitos e indicadores para os quais se terão de procurar correspondentes no real, permitindo a resposta à questão central formulada.

Utilizaremos a Prospectiva, utilizando cenários já estudados por entidades credíveis, para estabelecer um panorama de futuros possíveis ou dito de outra forma de um conjunto de cenários possíveis, ou não improváveis. Para cada situação avaliada tem de se ter sempre em conta o peso dos vários factores relevantes, determinísticos do passado, e a confrontação com as possibilidades, vontades, ou que se antecipa que estas venham a ser, dos vários possíveis actores intervenientes. Pretende-se assim que para cada cenário previsível, entendido como um jogo de hipóteses coerentes, a prospectiva possa apontar uma tendência a seguir ou forma de actuação.

No estudo da tendência dos conflitos armados utilizaremos a metodologia usada pela Universidade de Uppsala no seu projecto de investigação (Uppsala Conflict Data Program).

Serão também consideradas entrevistas a personalidades que, pela sua experiência e conhecimento relacionado com estes assuntos, possam contribuir para o esclarecimento desta questão.

Para esta investigação foi definida a questão central (QC) que orienta o presente trabalho:

QC – “Será a actual tendência para menos guerras inter-estatais duradoura no futuro, ao nível global e regional”

Questões derivadas

Da anterior questão central resultaram as seguintes questões derivadas (QD):



QD 1 – Será que os conflitos no Médio Oriente seguem a mesma tendência tipológica que a tendência geral global?

QD 2 – Quais os factores comuns na origem das guerras interestatais no médio oriente até há actualidade?

QD 3 – Qual o cenário de conflito, mais provável, prospectado para o Médio Oriente?

Face às questões levantadas, são admitidas, no âmbito deste estudo as seguintes hipóteses de trabalho:

H1: - A actual tendência dos conflitos não se verifica em todas as regiões do globo, nomeadamente no Médio Oriente.

H2: - A conflitualidade no Médio Oriente tem como causas, as tradicionais disputas territoriais, o equilíbrio de poder e a religião.

H3: - Os cenários do futuro continuam a prever conflitos interestatais no Médio Oriente.

e. Organização do estudo

Neste momento histórico, de mudanças no Sistema Político Internacional (SPI), é interessante traçar o desenvolvimento das tendências actuais dos conflitos armados e identificar os possíveis padrões de evolução. Para dar resposta a este desafio articulámos o trabalho em seis capítulos, a presente introdução e a conclusão, mais quatro partes distintas mas inter-relacionadas. Na primeira parte efectuaremos o enquadramento à tendência dos conflitos, onde é traçada uma visão do actual sistema internacional e a sua evolução recente. Esta análise permite-nos verificar a evolução da guerra de um modelo trinitário clausewitziano para um modelo de guerra irregular, global, assimétrica e de baixa intensidade, com tendência para surgir em determinadas zonas do globo, associada aos estados falhados.

Na segunda vamos caracterizar a tendência actual dos conflitos armados, tendo como base de dados de apoio o programa da Universidade de Uppsala, confirmar ou não a tendência para menos conflitos interestatais e também identificar as regiões com maior preponderância desta tipologia de conflitos. Na terceira parte procuraremos as principais causas que contribuíram para os conflitos interestatais no Médio Oriente. Por fim, elaboramos uma prospectiva com base em cenários apresentados por alguns principais actores (NATO, UE, EUA) do SPI e verificar se conflitualidade está ou não prevista para o futuro.



2. Enquadramento

A problemática da tendência dos conflitos está actualmente na ordem do dia. Neste capítulo vamos abordar o Sistema Político Internacional e suas características, perceber quais são as “novas” guerras, analisar a tendência global dos conflitos, possíveis razões para essa tendência e por último perceber um dos programas de *Peace research*.

O fim da Segunda Guerra Mundial lançou o mundo na *guerra fria*, um período de intensa hostilidade, em equilíbrio bipolar, sem guerra efectiva entre as superpotências. Esta hostilidade entre os grandes poderes no campo económico, ideológico e político traduziu-se na utilização preferencial da força militar como instrumento de dissuasão. A Guerra Fria durou quatro décadas, de 1947 a 1989, em que ocorreram inúmeros combates, mas apenas nas zonas de influência dos EUA e União Soviética, as chamadas guerras por procuração.

A guerra sempre constituiu uma das maiores preocupações da sociedade ao longo dos tempos. Mas, o que é a Guerra? Segundo Bobbio, “por mais que a guerra, em todas as suas formas, suscite geralmente horror, não podemos apagá-la da história porque a mudança histórica, a passagem de uma fase para outra do desenvolvimento histórico, são, em grande parte, o produto das guerras, das várias formas de guerra, as guerras externas entre grupos relativamente independentes e as guerras internas entre partes em conflito de um mesmo grupo para a conquista do poder: Gostemos ou não, estando ou não conscientes, a nossa civilização, ou aquilo que consideramos que seja a nossa civilização, não seria aquilo que é sem todos as guerras que contribuíram para a sua formação” (Bobbio, 2000, apud Dias, 2010:20).

Para Mendes Dias, fenómeno que caracterizou no seu livro “Sobre a Guerra”, uma boa definição de guerra é o conceito do TGen Cabral Couto “violência organizada entre grupos políticos, em que o recurso à luta armada constitui, pelo menos, uma possibilidade potencial, visando um determinado fim político, dirigida contra as fontes de poder do adversário e desenrolando-se segundo um jogo contínuo de probabilidades e azares” (Couto, 1988:148). Este conceito integra perfeitamente os parâmetros que podemos designar de caracterizadores do mesmo: o político, a violência organizada e o colectivo. Esta definição ajusta-se na íntegra ao nosso estudo, que visa essencialmente os conflitos entre organizações políticas, representadas pelos seus Estados.

A conjuntura internacional vem sofrendo alterações, principalmente após 1991 com o fim da guerra fria e também com o ataque aos EUA a 11 de Setembro de 2001. Proença



Garcia caracteriza o actual SPI como complexo, não linear, imprevisível, heterogéneo, mutável e dinâmico, a ameaça, que estava perfeitamente definida, desapareceu, dando lugar a um período de instabilidade, com uma ampla serie de perigos, uns novos outros antigos, que apenas subiram na hierarquia das preocupações dos estados (Garcia, 2009:104). Entretanto a comunidade internacional reconhece a existência de novos actores que empregam a força para além do Estado. As Guerras parecem já não obedecer apenas à concepção clauswitziana (Estado, Forças Armadas, População), mas também a uma violência global, assimétrica e permanente, sem origem clara e podendo surgir a qualquer momento.

Esta nova conjuntura levou a que vários autores defendam a tese de que as guerras interestatais estão a tender para zero, sendo esta perspectiva Kantiana bastante atractiva.

a. As “novas” Guerras

Com o fim da Guerra Fria começaram a surgir novas descrições para os conflitos modernos. Dentro destas novas teses destacamos, baseado no reconhecimento académico pelos seus pares, as seguintes: "Transformação da Guerra" de Martin van Creveld; "Novas Guerras" de Mary Kaldor e a "Utilidade da Força" do General Rupert Smith.

The Transformation of war – é o livro canónico sobre a mudança na natureza da guerra, onde Van Creveld afirma que as grandes guerras interestatais estão a desaparecer, porque as armas nucleares tornaram inúteis os conflitos entre os países que as possuem. Além disso, as instituições internacionais, bem como as normas idealistas evitam as guerras, actuando como instrumentos legítimos de política, tornando os conflitos convencionais quase ilegítimos. Alimentados pela perda, pelos Estados, do monopólio da violência legítima, bem como pela fragmentação social, reapareceram os conflitos de baixa intensidade, muito semelhantes aos da idade média. Neste contexto, a guerra é travada não como um instrumento da política, mas sim como um instrumento da justiça, religião ou sobrevivência.

Estes conflitos são caracterizados por uma convergência de criminalidade, terror e violência organizada, onde as fronteiras entre soldados, bandidos, terroristas e civis tornaram-se vagas e indistintas. As guerras de libertação têm mostrado que o mais fraco pode ganhar contra o mais forte (Record, 2007:131).

A estratégia convencional de Clausewitz ou Jomini, com base em elementos geográficos como 'linhas' ou 'frentes' e 'batalhas decisivas', perdeu a sua validade, visto que



os conflitos de baixa intensidade não se baseiam neles. Assim, de acordo com o historiador israelita, as teorias estratégicas contemporâneas tornaram-se inúteis e o modo de pensamento clausewitziano desactualizado. Deve-se, portanto, adaptar as organizações e os procedimentos para estar pronto para os novos métodos de fazer a guerra.

Mary Kaldor no seu livro, *New and Old Wars*, vem dizer que desde os meados dos anos 80 do século passado emergiram “novas guerras”. São conflitos que surgem da desintegração dos Estados e a subsequente luta pelo seu controlo por grupos opositores. O catalisador por detrás destes novos conflitos é a globalização. É, agora, possível ver uma presença global de jornalistas, mercenários, conselheiros militares, voluntários das diásporas, assim como várias organizações internacionais e não governamentais, tendo todos estes novos actores um papel no conflito. Em consequência as guerras interestatais passam a ter os dias contados, cedendo, portanto, o seu lugar às “novas guerras” que, deram á luz.

Observam-se neste conflitos grupos específicos da população com uma base étnica e identidade comum, com objectivos políticos, utilizando a limpeza étnica e a corrupção para livrarem-se de outros grupos étnicos. As “novas guerras” são travadas por uma mistura de táticas de guerrilha e contra-insurgência, ambos para ganhar o "corações e mentes" do grupo-alvo e assustar e criar o ódio contra a outra parte da população. Surgem novos actores dispersos e intercalados nas facções, nomeadamente, unidades de segurança privada, organizações de criminosos e Senhores da guerra e os seus seguidores. Eles usam todo o espectro da inovação tecnológica avançada, seja ela, civil ou militar.

A guerra na Bósnia-Herzegovina (1992-1995) é apresentada por Kaldor como uma típica nova guerra. Explica, que as “novas guerras” são um resultado da globalização, em consequência do desenvolvimento no sector dos transportes, bem como nas tecnologias de informação e comunicação, provocando polarizações entre o local e o global, bem como entre a integração e a fragmentação. A globalização pode desestabilizar os Estados mais fracos: o público e privado convergem, a identidade da nação é minada por valores globais e o monopólio do uso legítimo da força é diluído pelo desaparecimento dos vínculos sociais e das normas comuns, bem como pela privatização da violência. Determinados grupos tentam ganhar poder identificando-se politicamente, promovendo a fragmentação e conduzindo à violência. Há uma ligação conceptual nas teses de Creveld e de Kaldor sobre a origem "não política" dos conflitos modernos.



Em “*The Utility of Force*” o General Sir Rupert Smith reivindica que “a guerra não existe mais”. Explica que a “Guerra Industrial”, “guerra como um evento massivo decisivo numa disputa em assuntos internacionais”, deixou de existir. As grandes guerras foram substituídas por um novo paradigma, a guerra entre a população: as guerras já não são travadas no campo de batalha, com fim de atingir um estado final político por meio de uma batalha decisiva. Em vez disso, a situação actual caracteriza-se por duradouros conflitos entre actores não estatais, combatidos no meio da população. Neste contexto, os conflitos já não são um instrumento da política, assistimos a actividades e lutas entre actores tentando ganhar poder político – sem respeito pelas regras constitucionais ou institucionais. A força militar não é suficiente, deve ser integrada com todos os outros instrumentos do poder dentro de uma abordagem abrangente, para se poder alcançar os objectivos políticos.

A utilidade da força repousa em afirmar, claramente, para os actores beligerantes que a violência não é uma opção para resolver os conflitos. Smith não detalha a origem estrutural da “guerra entre a população”, apenas observa que o fim da guerra fria permitiu a conflitos, que estavam congelados, libertarem-se das amarras, dando início a vários conflitos domésticos. No entanto, ele descreve em profundidade as características e mostra que esses combates não podem ser resolvidos através da aplicação exclusiva da força: o uso irrestrito da força seria politicamente inviável e o adversário, actuando fora do alcance do ISTAR, não é um alvo que pode ser destruído por meio do fogo e manobra. A força já não pode ser usada para alcançar o estado final político desejado, a derrota do inimigo. É apenas um instrumento usado para criar condições para a resolução dos conflitos. As teorias militares da guerra precisam, portanto, de uma actualização. Elas devem ajudar a limitar o uso da força, que tem utilidade, sobretudo, para criar ordem.

b. As “velhas” Guerras

Desde 1946, em média, têm início cerca de 4 conflitos por ano, e dois deles são considerados guerra¹. Este número indica-nos claramente que, apesar do aumento das atitudes culturais e intelectuais negativas perante os conflitos armados, a violência continua a ser uma opção política usada pelos decisores. A tendência dos conflitos armados no mundo, quanto à sua tipologia, segundo vários autores, tende para os conflitos intraestatais, cedendo o lugar a estes, os conflitos interestatais. Vamos ver o que dizem os números.

¹ Dados da Universidade de Uppsala que podem ser consultados em:
<http://www.prio.no/CSCW/Datasets/Armed-Conflict/UCDP-PRIO/Armed-Conflicts-Version-X-2009/>



Kalevi J. Holsti, na tabela² seguinte mostra-nos que desde 1991 a cada 1,5 anos tem início uma guerra interestatal, enquanto no século XIX era de 3,4 anos. Uma leitura simplista pode levar a erros, porque actualmente o SPI tem muitos mais Estados, comparativamente com o século XIX. A probabilidade de risco de guerra, para qualquer Estado, caiu significativamente desde os tratados de Vestefália (1648-1714), uma hipótese em 59 (0,017), para uma hipótese em 250 (0,004) no período pós guerra fria. Podemos concluir que o mundo do ponto de vista das guerras interestatais parece estar mais seguro nos dias de hoje, relativamente ao século XVII. (Vayrynen, et al. 2006:135)³. Obsolescência não significa obsoleto. As guerras interestatais continuam a ocorrer com regularidade, no entanto não acompanharam o crescimento do número de estados.

Tabela 1 – Incidência das guerras interestatais no Sistema Político Internacional

Fonte: Adaptado de Kalevi J. Holsti, 2006:136

Período	Nº de Estados	Nº de Guerras Interestatais	Início de uma Guerra Interestatal cada	Guerra Interestatal por Estado por Ano
1648-1714	20	22	3,0 anos	0,017
1715-1814	19	36	2,8 anos	0,019
1815-1914	21	29	3,4 anos	0,015
1918-1941	30	25	0,9 anos	0,036
1945-1990	145	38	1,2 anos	0,006
1991-2003	181	8	1,5 anos	0,004

Se olharmos o mundo por regiões verificamos que é a Este e a Sul do continente asiático e no Médio Oriente que constituem as zonas mais perigosas para guerras interestatais. Por outro lado é em África, Médio Oriente e Ásia Central onde os conflitos intraestatais, guerras civis e de secessão têm mais tendência a ocorrer. Resta ao mundo ocidental, coincidente com os países da OCDE, ter uma baixa probabilidade de conflitos

² Os dados na tabela 1 foram retirados do Programa Correlates of War (COW), da Universidade de Michigan, que caracteriza o SPI como sendo constituído por Estados, como tal só considera guerra se, pelo menos um actor fizer parte do Sistema Internacional e o conflito tiver no mínimo 1000 mortos. Estas condições fazem com que algumas guerras civis não sejam contabilizadas. Este programa dá mais relevo às guerras interestatais.

³ Esta é uma obra com vários autores, no caso desta referência o autor do artigo em causa é Kalevi Holsti – The Decline of Interstate War



armados (Vayrynen, et al, 2006:137). Portanto parece inegável que a frequência das guerras interestatais tem vindo a diminuir em determinadas regiões do globo (Vayrynen et al., 2006:185). No capítulo seguinte será analisado com amior pormenor a tendência dos conflitos interestatais de 1946 até aos dias de hoje.

c. Razões para a mudança

Vamos tentar perceber quais são os argumentos que sustentam tal tendência de mudança.

No século XX verificou-se uma mudança nas prioridades dos Estados: a construção de um estado social, sustentar o desenvolvimento económico e a redução das desigualdades sociais têm sido mais importantes do que a soberania, a defesa nacional e a procura da guerra. Os movimentos sociais transformaram as sociedades em seu favor. A democracia transformou a agenda doméstica dos estados, e, com outra extensão, das relações internacionais, tornando estas subservientes aos assuntos domésticos. Este desenvolvimento pode ser verificado em sondagens que indicam um aumento da relutância em enviar militares para guerras distantes, quer sejam sendo estas de intervenção ou de apoio à paz. Isto significa que os sentimentos das pessoas mudaram (Wallenstein, 2006:80). No entanto o facto de, possivelmente, a cultura ter mudado, não significa que o interesse em perseguir o caminho da guerra tenha mudado, até mesmo nas sociedades desenvolvidas e democráticas. A guerra é temida, mas não excluída como uma possibilidade em caso de necessidade e como último recurso (Wallenstein, 2006:81).

Alterações nas atitudes e na cultura são importantes, mas não serão necessariamente os factores suficientes para que o caminho da guerra não se faça. Outros terão de ser acrescentados. A cooperação entre os Estados resultou em comunidades de segurança, que ajudam a reduzir a probabilidade de guerra. A União Europeia é um exemplo de cooperação entre os Estados e estamos a falar de Estados que sempre se guerrearam na sua história. O aumento do número de Estados democráticos contribui também para a redução dos conflitos, existindo uma relação directa entre democracias e a ausência de guerra (Wallenstein, 2006:91).

Para Martin van Creveld a ausência de guerras interestatais, nomeadamente entre grandes potências, deve-se às armas nucleares. Desde o início da história que as organizações políticas quando iam para a guerra para se defrontarem, tinham sempre a esperança de sobreviver derrotando o inimigo e alcançando a vitória. Mas com o advento



das armas nucleares a ligação entre a sobrevivência e a vitória foi quebrada. Mais ainda, quanto maior for a vitória sobre um oponente com armas nucleares maior é a probabilidade de este as usar e maior é o perigo de sobrevivência para o vencedor (Vayrynen et al, 2006:97)⁴. As armas absolutas não podem ser usadas, já o dizia Bernard Brodie, na *Foreigns Affairs*, em 1948. O Arsenal Nuclear tende a actuar como inibidor nas operações militares. Com o passar do tempo, o perigo de escalada em caso de conflitos inibiu o confronto pelo menos directo entre potências nucleares. (Creveld, 2006:102).

A ideia de uma completa soberania, incluindo o direito absoluto de fazer a guerra, é demasiado perigosa, nomeadamente, na idade das tecnologias de informação e, neste sentido ao longo da história vêm sendo feitas sugestões para limitar o direito dos Estados a fazer a guerra pelos menos desde Kant passando pelo presidente Wilson. Por outro lado, quando se pensa ou fala em Guerra, normalmente a imagem associada é a da confrontação entre as Forças Armadas organizadas de dois ou mais Estados. E porque haveria a guerra interestadual de ser um fenómeno em extinção? Segundo Mandelbaum (1999) esta tendência acentua-se devido ao desenvolvimento e à democratização crescente dos Estados, bem como à emergência de uma economia cada vez mais mundial e interdependente. Estes factores fazem da guerra entre potências uma opção cara e cada vez menos atraente.

Do nosso ponto de vista esta análise não se aplica globalmente, daí termos escolhido uma região para estudo, onde a fricção entre os estados ainda se encontra latente.

d. Metodologias associadas ao estudo da Guerra - Peace Research

A vontade de saber mais sobre as causas da guerra para, no fundo, a poder evitar, levou algumas organizações a iniciarem o estudo científico da guerra, com uma dimensão profunda, na medida em que procuram valorizar a descoberta de factores que promovam a paz. Foi neste âmbito que em 1964 arrancou o projecto da Universidade de Michigan *Correlates of War (COW)* e em 1971 a Universidade de Uppsala criou o *Department of Peace and Conflict Research*. Será com base nos dados deste último programa que iremos desenvolver o nosso estudo no capítulo seguinte.

Para termos uma referência na contabilização dos conflitos, de alguma forma científica e seguindo a mesma metodologia, vamos adoptar os conceitos usados pela

⁴ Esta é uma obra com vários autores, no caso desta referência o autor do artigo em causa é Martin van Creveld – *The Waning of Major War*



Universidade de Uppsala no seu projecto de acompanhamento dos conflitos mundiais, que passámos a explicar.

A Universidade de Uppsala desenvolveu um projecto de investigação (Uppsala Conflict Data Program), em cooperação com o *International Peace Research Institute* em Oslo (PRIO) onde criou uma base de dados dos conflitos armados de 1946 a 2009. Esta base, em permanente actualização, dedica-se ao registo dos conflitos armados ocorridos no último meio século, cobrindo exactamente o período que definimos para a nossa análise. No nosso estudo vamos usar a base conceptual da investigação referida, esta regista todos os conflitos armados que atingiram 25 mortes relacionadas com o conflito, por ano e por confronto. A adopção desta metodologia reflecte-se de grande importância, pois dará muito mais validade às conclusões, contrariamente ao tempo em que as análises eram qualitativas. As definições para tipologias de conflitos armados que vamos caracterizar, nomeadamente, guerras entre estados (interestatais) e guerras dentro dos estados (intraestatais), encontram-se mais detalhadas no Anexo A a este trabalho.

3. Tendência dos conflitos Armados – Médio Oriente versus Mundo

O Realismo tem sido a tradição dominante no pensamento sobre a política internacional, para os realistas o problema central da política internacional é a guerra e o uso da força e os actores principais são os estados (Nye, 2002:5). O número de estados cresceu enormemente desde 1945, ano em que existiam 51 estados membros da ONU e actualmente são contabilizados 192 estados. No entanto os actores estatais perdem o seu monopólio sobre a violência às mãos dos actores infra-estatais (David, 2001:108) o que nos leva a pensar que ainda mais importante é o aumento do número de actores não estatais.

Vamos neste capítulo analisar a tendência dos conflitos armados no mundo, no entanto esta tendência pode não se aplicar em todas as zonas do globo, por exemplo, no caso do Médio Oriente, onde a concepção realista da política internacional parece ajustar-se melhor, os conflitos entre estados são ainda os de maior importância e relevo. Portanto, neste capítulo tentaremos demonstrar que a tendência global dos conflitos, de alguma forma, é contrariada na região do Médio Oriente. Em consequência responderemos á seguinte questão derivada: Será que os conflitos no Médio Oriente seguem a mesma tendência tipológica que a tendência geral global?



A tese de que as grandes guerras estão em extinção é atraente. Isso significa que o mundo, gradualmente, aproxima-se das primeiras linhas da Carta das Nações Unidas “Nós, os povos das Nações Unidas, decididos: a preservar as gerações vindouras do flagelo da guerra”. É possível estabelecer essa tendência nas últimas décadas e fazer um prognóstico de que esta tendência é provável que continue? Neste capítulo pretendemos responder á primeira parte da pergunta.

A era da guerra fria, descrita por alguns estudiosos como “a longa paz”, foi o mais longo período sem guerra entre as grandes potências em centenas de anos (Mack, 2007:2). Mas foi tudo menos pacífico para o resto do mundo, com o número de conflitos a triplicar desde o final da II Guerra Mundial até ao fim da guerra fria.

Desde o final da Segunda Guerra Mundial, um total de 244 conflitos armados estiveram activos em 151 locais diferentes em todo o mundo (Wallensteen, 2010:14). Os dados são da Universidade de Uppsala⁵ e do seu Programa de Dados sobre Conflitos Armados e do Instituto Internacional para a Pesquisa da Paz em Oslo (*International Peace Research Institute*), é com o apoio desta base de dados que vamos apresentar as principais tendências dos conflitos armados desde 1945.

A Figura 1⁶ mostra a tendência dos conflitos armados “state-based”⁷. Onde podemos observar quatro diferentes tipologias, nomeadamente, os conflitos Interestatais⁸ e os Intraestatais⁹, inclui também os conflitos Extraestado¹⁰ e os conflitos Intraestatais Internacionalizados¹¹.

⁵ A metodologia da Universidade de Uppsala e do seu *Uppsala Conflict Data Program* (UCDP) no estudo dos conflitos armados, está explicada no anexo A.

⁶ Indica o número de conflitos armados, não o número de países com conflitos — um único país pode ter mais de um conflito dentro das suas fronteiras no espaço de um único ano. A linha de tendência para países em conflito é, no entanto, muito semelhante da linha de tendência para os conflitos.

⁷ São aqueles em que um governo é uma das partes em conflito. Há vários diferentes tipos de conflitos armados *State-based*.

⁸ Conflito armado entre dois estados.

⁹ Conflito entre um Estado e actores não estatais do mesmo Estado.

¹⁰ Conflitos entre um Estado e actores não estatais fora do território desse Estado. Foram os conflitos essencialmente relacionados com a descolonização e as suas guerras de libertação do domínio colonial.

¹¹ Conflitos intraestatais em que uma ou as duas partes recebem apoio militar externo de um governo estrangeiro.

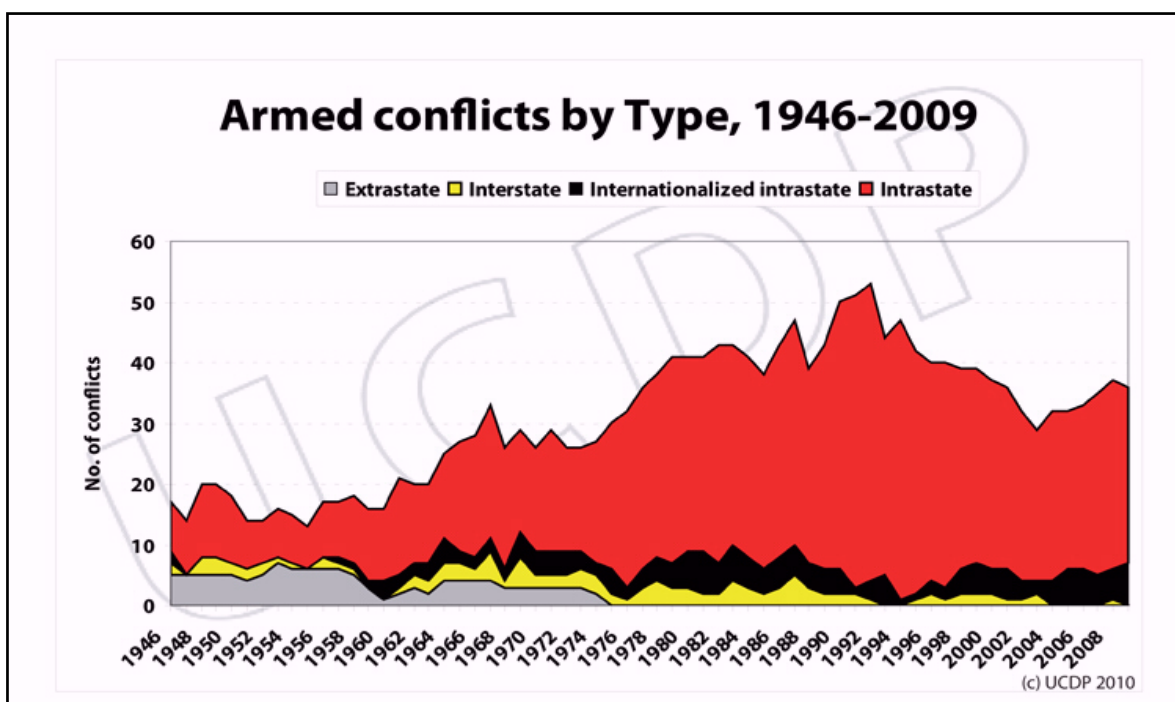


Figura 1 – Tendência dos conflitos armados por tipo, de 1946 – 2009

Fonte: www.pcr.uu.se/research/ucdp/charts_and_graphs

A Figura 1 apresenta a evolução do número de conflitos armados desde 1946 e dá informações sobre os diferentes tipos de conflitos armados durante esse período de tempo. A primeira e clara conclusão é que os conflitos intraestatais são a esmagadora maioria dos conflitos armados desde o fim da guerra fria. Esses conflitos foram também os responsáveis pelo aumento do número de conflitos, até ao fim da guerra fria e início da década de 90 — correspondendo depois, na sua maioria, há diminuição posterior que se seguiu. Verifica-se na Fig 1, que o número de conflitos armados travados em todo o mundo atingiu o pico de 52 em 1991-1992 começando depois a declinar rapidamente, e que diminuíram cerca de 40% entre 1992 e 2005. Esta mudança surpreendente segue-se a quase quatro décadas de um constante aumento (Mack, 2007:1).

Um outro facto a apontar, particularmente a partir de meados da década de 1970, é o fim dos conflitos armados Extraestatais, coincidente com o fim dos impérios coloniais na década de 70 do século passado.

Para um maior pormenor é possível observar a incidência anual dos conflitos desde 1989 na Tabela 2. Além disso, a tabela concentra-se na distribuição regional dos conflitos,



pela razão de que no nosso estudo interessa observar em particular os conflitos na região do Médio Oriente.

Tabela 2 – Conflitos Intraestatais e Interestatais de 1989 a 2009 (Wallensteen, 2010:15)

Fonte: Adaptado de Wallensteen, 2010:15

	1989	1990	1991	1992	1993	1994	1995	1996	1997	1998	1999
Europa	2	3	7	8	9	5	5	1	0	2	3
Médio Oriente	4	7	8	7	7	6	6	7	4	3	3
Ásia	16	21	15	20	15	16	16	18	19	16	15
África	12	13	16	14	10	16	11	11	15	16	16
América	9	6	5	4	3	4	4	3	2	2	2
Total	43	50	51	53	44	47	42	40	40	39	39

	2000	2001	2002	2003	2004	2005	2006	2007	2008	2009	Total
Europa	1	2	1	1	2	2	1	2	2	1	23
Médio Oriente	3	3	2	2	3	5	5	4	4	5	13
Ásia	17	14	12	16	14	16	15	14	15	15	39
África	15	15	15	9	10	7	10	12	13	12	41
América	1	2	2	1	3	2	2	3	3	3	15
Total	37	36	32	29	32	32	33	35	37	36	131

O declínio dos conflitos armados após a guerra fria foi parte de um padrão mais amplo da redução da violência política que tem passado despercebida da comunicação social, em grande parte da comunidade política e até mesmo em partes da comunidade científica. No caso do nosso objecto de estudo, as guerras interestatais, que têm tendência para matar mais pessoas, do que os conflitos intraestatais, têm sido relativamente raras, e constituem agora menos de 2 por cento de todos os conflitos armados (Mack, 2007:1). No entanto, observando a Figura 1 o número de conflitos interestatais ao longo do período em estudo não tem uma tendência bem definida, eles são poucos, de uma forma constante ao longo do tempo, a guerra interestatal nunca foi uma moda e por isso não está ultrapassada; ela é o resultado de acidentes de percurso e de percepções erradas.

Outras mudanças significativas durante os anos pós guerra fria incluem o seguinte (Mack, 2007:1):

- O número de genocídios e outros massacres em massa diminuíram 90% entre 1989 e 2005.



- O número de golpes militares e tentativas de golpes de Estado diminuíram drasticamente desde 1963. Em 1963, houve vinte e cinco golpes ou tentativas de golpes de Estado e em 2005, houve três.

Quais as razões para o declínio dos conflitos armados que tem ocorrido desde o fim da guerra fria. Em primeiro lugar, o fim do colonialismo pôs termo a uma das grandes fontes dos conflitos armados na política mundial. As lutas anti-coloniais violentas foram substituídas, em alguns casos, por lutas pelo controlo dos novos Estados, no entanto muitas destas foram resolvidas até ao final da década de 1980 (Mack, 2007:3). Em segundo lugar, o fim da guerra fria, que tinha conduzido a cerca de um terço de todos os conflitos no período a seguir há Segunda Guerra, pôs fim a uma rivalidade ideológica entre Washington e Moscovo, terminando com as chamadas “ guerras por procuração” (*proxy wars*), nos países em desenvolvimento e, qualquer ameaça residual de uma possível guerra entre as duas grandes potências desapareceu. Mas mais importante foi o aumento, sem precedentes, do activismo internacional com o objectivo de parar as guerras em curso e impedir que novos e antigos conflitos se reiniciem. Lideradas pela Organização das Nações Unidas (ONU), libertada das amarras políticas das rivalidades das superpotências, estas actividades incluíram esforços mais sérios na diplomacia preventiva, pacificação, operações de apoio á paz e outros mecanismos desenvolvidos para apoiar os esforços locais para promover a paz. Com um maior envolvimento, a sociedade internacional tornou-se melhor em acabar com as guerras. Um factor final que fornece alguns motivos para optimismo sobre o futuro é a crescente popularidade de normas globais para proibir o uso da força militar nas relações humanas.

Não é fácil determinar se, o intensificar de esforços para impedir as guerras, foram a causa para a diminuição dos conflitos armados ou se foram simplesmente associados a eles, mas, no entanto, um crescente corpo de evidências de quantitativos e casos de estudo demonstra que este tipo de iniciativas, de facto, podem melhorar as hipóteses de alcançar e sustentar os acordos de paz (Mack, 2007:4).

No Médio Oriente e Norte de África, por exemplo, a diminuição dos conflitos armados começou na década de 1980, meia década mais cedo do que o declínio global. Mas esta mudança teve pouco a ver com o restabelecimento da paz, crescimento económico ou democratização. Em vez disso, foi devido principalmente à repressão eficaz das violentas insurgências internas no Egipto, Síria, Argélia, Tunísia e noutros lugares da



região. A literatura sobre as guerras civis diz que os Estados autoritários relativamente fortes, como muitos no Médio Oriente, são menos propensos a conflitos armados do que as chamadas "anocracias" — países cujos modos de governação não são inteiramente autoritários, nem democráticos mas uma mistura, frequentemente, volátil das duas.

Na verdade, houve duas vezes mais surgimentos de conflitos na década de 1990 do que na década de 1980 — sugerindo que as políticas de prevenção de conflitos que foram sendo executadas neste período foram um fracasso. No entanto a década viu um número ainda maior de guerras a terminar do que a começar — sugerindo, agora o oposto, que as operações de apoio à paz da ONU tornaram-se cada vez mais bem sucedidas (Mack, 2007:4).

Por outras palavras, a razão pela qual existem menos conflitos hoje é porque há mais guerras a acabar do que a começar. Nos primeiros seis anos do novo milénio, houve um declínio médio (diferença entre o número de conflitos que terminam e os que começam) de 1,5 conflitos por ano. Se esta taxa continuar por uma década o número de conflitos "State-based" que estão a ser travados em todo o mundo, poderia ser reduzido para metade.

A forma como os conflitos terminam também mudou drasticamente na década de 1990. Durante os anos da guerra fria as guerras que terminavam em vitórias eram o dobro das que terminavam em acordos negociados. Na década de 1990, o inverso era verdade — quase o dobro (quarenta e dois) das guerras terminaram em negociações e vinte e três em vitória. Esta tendência acelerou no novo milénio. Entre 2000 e 2005 houve quatro vezes mais conflitos negociados, comparativamente a vitórias no teatro de operações. Esta mudança notável sugere que a comunidade internacional encara a negociação e as operações de apoio à paz como fundamentais e que está a ter bons resultados. No entanto as guerras que terminam em acordos negociados têm uma desvantagem. Elas duram quase três vezes mais do que aquelas que terminam em vitórias e têm quase duas vezes mais probabilidade de recomeçar no prazo de cinco anos (Mack, 2007:5).

Observando esta realidade, *Edward Luttwak*, num artigo na *Foreign Affairs* de 1999, defende que estas negociações apenas prolongam as guerras. Argumentando que as partes apenas aproveitam para se rearmar e preparar a vitória decisiva, a única capaz de alcançar uma paz estável. A sua tese é que se deve dar uma hipótese à guerra "*give war a chance*" e que de alguma forma parece ser suportada pelos dados, de como terminam os



conflitos, da Universidade de Uppsala. No entanto alguns conflitos tem uma duração prolongada não por questões de mediação mas porque nenhuma das partes consegue prevalecer no campo de batalha, pondo em causa a sua tese de “*burn themselves out*”.

Relativamente ao século XXI, os primeiros indícios sugerem que os conflitos que cessaram por negociação podem tornar-se mais estáveis. Nos seis anos, de 2000 até ao final de 2005, apenas dois de dezassete conflitos negociados (11,8 por cento) falharam. Alguns investigadores acreditam que os conflitos de fácil resolução estarão no fim, restando aqueles que são considerados mais difíceis de solucionar e, se este é realmente o caso, a implicação é clara e decepcionante — a diminuição da violência política que o mundo tem experimentado desde o fim da guerra fria pode ter chegado ao fim (Mack, 2007:6). Coincidência ou não os factos mostram que a partir de 2004 a tendência de descida do número de conflitos armados terminou. Em 2009, 36 conflitos armados estavam activos em 27 locais diferentes. Substancialmente menos do que durante os anos de pico da década de 1990, quando, mais de 50 conflitos foram registados. No entanto, em comparação com os primeiros anos desta década, temos um aumento de 24% no número de conflitos (Wallenstein, 2010:14).

Relativamente à intensidade dos conflitos e de acordo com a metodologia que estamos a seguir, 6 conflitos atingiram a intensidade de guerra¹² em 2009, o que significa que houve mais de 1000 mortes relacionadas com o conflito. Estes números são ainda consideravelmente menores do que durante os anos de pico, do final dos anos 80 e início dos anos 90, quando os números anuais variavam entre 12 e 16. Uma outra tendência significativa nos conflitos armados desde 1945 é o declínio do nº de mortos nos conflitos armados. Considerando que o número médio de mortos por conflitos, por ano foi 38000 em 1950, em 2005, ele havia caído para apenas 700 – uma diminuição de 98 por cento (Mack 2007: 7).

Enquanto previsões sobre o futuro têm sempre qualidade especulativa e apenas podem ser testadas esperando para ver se são verdade. Por outro lado é claro que se analisarmos o número de guerras por Estado, o número de guerras interestatais desce claramente. Podendo concluir-se com esta relativa evidencia, que a tendência é para diminuir, mas é diferente se contabilizarmos as guerras em termos absolutos. Os académicos, no passado, dividiam o número de guerras pelo número de Estados do SPI, no

¹² Mais de 1000 mortes por ano no conflito, segundo a metodologia adoptada pela Universidade de Uppsala.



pressuposto de que mais Estados produzem mais oportunidades para a guerra. Portanto, para ter uma ideia da tendência das guerras num determinado período, o número de Estados deve ser controlado. No entanto no período pós Segunda Guerra Mundial, o pressuposto de que mais Estados seria equivalente a mais guerra revelou-se errado. A descolonização quase triplicou o número de estados no SPI e no entanto o número de guerras interestatais permaneceu o mesmo. Isto significa que a tendência para a diminuição das guerras interestatais, na base por Estados, é significativa, mas em termos do valor absoluto de todas as guerras interestatais a conclusão é mais difícil de analisar.

O Sr. General Loureiro dos Santos defende que a óptica não está nos conflitos intraestatais ou interestatais, porque ambos continuarão a existir sem qualquer espécie de tendência, mas sim na intensidade dos conflitos. Prevê que os conflitos serão de baixa intensidade, sejam entre Estados ou dentro dos Estados, mas com a participação de terceiros, a que podemos chamar conflitos internacionalizados (entrevista, 18Abr2011).

Luís Tomé defende que a probabilidade da ocorrência de conflitos interestatais vai continuar a diminuir, sendo substituídos por conflitos internacionais em que não temos apenas dois actores, no caso de guerras entre Estados ou dentro dos Estados, mas também a presença de actores internacionais (entrevista, 19Abr2011).

Peter Wallensteen¹³ não vê razões para alterações à tendência actual dos conflitos interestatais, defende que aparecem em intervalos irregulares com variações no tempo, mas não desapareceram e não é expectável que isto se altere no futuro (entrevista, 13Mar2011).

As teses que defendem que a guerra tem o seu fim anunciado, argumentam que a realidade política alterou-se e é responsável pela actual tendência dos conflitos e, que esta tendência será permanente ou durará pelo menos um longo tempo. Teoricamente esta explicação é perturbadora, porque baseia-se numa teoria progressiva da história que, vê a história a evoluir para um tempo onde tudo estará bem e os maiores problemas da humanidade, incluindo a guerra, serão resolvidos pela razão humana, ciência e tecnologia. Estas teorias reflectem os pressupostos e esperanças do iluminismo, fazendo o regresso ao passado.

Vasquez e Henahan estudaram a probabilidade da guerra interestatal de 1816-1992, tendo por base os dados do programa *Correlates of War (COW)*. A probabilidade de uma guerra interestatal no período de 1816 – 1992 foi de 0,180. Dividindo este período em dois

¹³ Investigador da Universidade de Uppsala. Entrevista por escrito em 13 de Março de 2011.



verificamos que de 1816 – 1945 a probabilidade foi de 0,296 e de 1946 – 1992 foi de 0,089 (Vasquez, 2006:283). Existe aqui uma tendência clara para a diminuição da probabilidade de guerras interestatais no período pós segunda Guerra Mundial. Esta evidência é consistente com os números de guerras por Estados do SPI. Deste estudo é também relevante apontar que a principal causa das guerras são as disputas territoriais com uma quebra de 0,475 no primeiro período para 0,185 no segundo período, estando esta tendência em linha com a anterior (Väyrynen, et al, 2006:285)¹⁴.

No entanto é mais apropriado falar na alteração da probabilidade de haver guerra do que falar na sua tendência para o desaparecimento. O período pós 1945 pode muito bem corresponder apenas a uma diminuição na probabilidade de guerra mas não uma tendência permanente. Lembrando na história os famosos 100 anos de paz que acabaram em 1914 e o idealismo do presidente Wilson, da guerra para acabar com todas as guerras.

Mais, Vasquez no seu estudo verificou que a probabilidade de uma guerra interestatal, por períodos, tanto pode subir como descer, e que estamos num período de descida da probabilidade, tendo por razão, o sucesso dos esforços na gestão das relações entre os maiores Estados, e portanto é esperável que a tendência para a guerra diminua, quando existem regras e normas entre os Estados (principalmente no que diz respeito a disputas territoriais), e que aumentará quando tal não acontecer.

O Médio Oriente serve de exemplo para ilustrar os conflitos regionais. Ajusta-se melhor à concepção realista da política internacional (Nye, 2002:204) e apesar de a tendência da política mundial, no último meio século, mover-se contra a noção de conflito perpétuo, a verdade é que em algumas regiões, por exemplo o Médio Oriente, continuam a ser afectadas por conflitos militares (Vayrynen, 2006:6).

Sem dúvida que existem regiões com menos conflitualidade que outras. Talvez algumas sociedades não tenham mesmo conflitos armados. Se desagregarmos os números globais por regiões, podemos localizar as áreas no mundo onde a tendência dos conflitos interestatais tendem para zero, e outras onde os conflitos armados têm uma maior probabilidade de ocorrer. Apesar de algumas crises militares e escaramuças fronteiriças, não existe uma guerra sustentada na América do Sul desde 1942. Não existe qualquer conflito armado na América do norte desde 1916, desde que os Estados Unidos da América

¹⁴ Esta é uma obra com vários autores, no caso desta referência o autor do artigo em causa é Marie Henehan e John Vasquez – *The Changing probability of Interstate War*.



(EUA) invadiram o México. A América central, em contraste, tem sido alvo de intervenções americanas, embora não sejam guerras formais. Se excluirmos os Balcãs não há guerra no continente europeu desde 1945 e a probabilidade de ocorrer é difícil de imaginar. A Rússia e a sua periferia tiveram conflitualidade desde o fim da guerra fria, no entanto sem um grande conflito. África tem permanecido sem guerras interestatais desde a descolonização, com algumas exceções (Eritreia vs Etiópia). Do lado oposto temos a Ásia Central e o Médio Oriente, regiões com o maior número de conflitos desde 1945 e, continuam a ser as regiões onde existem os cenários mais prováveis para intervenções armadas, constituindo-se como zonas de grande tensão.

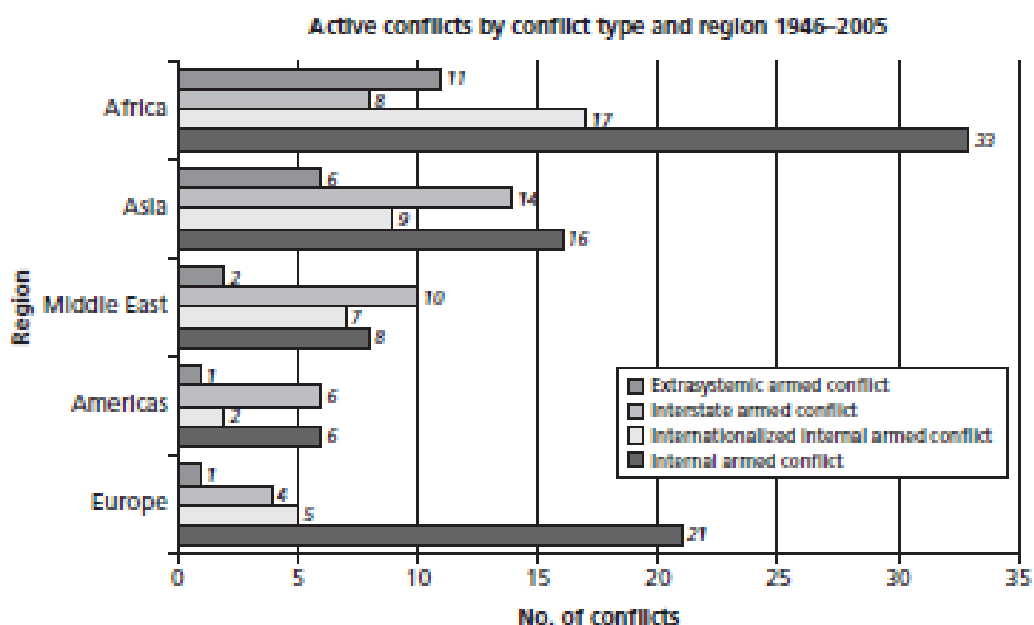


Figura 2 – Tendência dos conflitos armados por tipo e região, de 1946 – 2005

Fonte: Williams, 2008:162

Os dados referidos na Figura 2 cobrem todo o mundo e todos os tipos de conflitos armados. Inclui guerras internacionais e internas, guerras coloniais e civis. Em sentido absoluto as guerras não estão a desaparecer. A primeira conclusão a retirar da Figura 2 é que a única região onde se verifica o maior número de conflitos interestatais¹⁵, comparativamente com as outras tipologias, é no Médio Oriente com 10 conflitos.

¹⁵ Ver Lista dos conflitos armados interestatais no anexo B



Podemos então concluir, com base nestes dados, que o Médio Oriente não segue a mesma tendência global da conflitualidade armada. É a única região onde o maior número de conflitos são os interestatais, com 10, comparativamente com as outras tipologias, nomeadamente os intraestatais, com 8.

Daí dedicarmos o próximo capítulo ao Médio Oriente. Seria hercúleo perceber as causas de todos os conflitos interestatais para percebermos no último capítulo, futuros cenários. Vamos então verificar os factores que deram origem aos conflitos no Médio Oriente e perceber se eles estão resolvidos ou se se mantêm para o futuro.

4. Caracterização político-estratégica dos conflitos no Médio Oriente

Apesar da relativa raridade das guerras interestatais presentemente, este tipo de guerras continuam a ser uma preocupação primária dos Estados e da comunidade internacional, assim como dos próprios académicos (Cashman, 2007:3). Portanto, se queremos reduzir a possibilidade de elas ocorrerem naturalmente teremos de compreender as causas dos conflitos interestatais. É o que nos propomos vamos fazer neste capítulo relativamente aos conflitos interestatais no Médio Oriente desde 1946, identificando as suas linhas de força para prospectivar a tendência futura da conflitualidade. Esta região tenderá cada vez mais a tornar-se uma prioridade dos EUA/União Europeia devido à concentração de recursos estratégicos na zona, à ameaça terrorista e às consequências do *spillover* da instabilidade reinante na zona para as áreas adjacentes (em particular a Europa) (Pinto, 2005:21).

Para Bassam Tibi, os conflitos no médio oriente têm a sua própria dinâmica, enquanto ao mesmo tempo são incorporados no sistema global dos Estados (Tibi, 1998:1). O passado é único, a sua análise permite compreender as constantes e a permanência dos factores de conflitualidade na região do Médio Oriente, conhecer melhor a capacidade de evolução e basear os cenários na sua realidade histórica.

O conflito israelo-árabe gerou 5 guerras entre estes dois grupos de povos reivindicando diferentes identidades nacionais, mas reclamando a mesma ínfima porção de terra (Nye, 2002:208). Vamos, assim, analisar a guerra da independência em 1948, a guerra do Suez em 1956, a guerra dos seis dias em 1967 e a guerra do Yom Kippur em 1973, identificando as principais causas destes conflitos. Um outro conflito a estudar é a guerra de Israel com o vizinho Líbano, que tem um carácter diferente. O Líbano é um estado com



um mosaico de nações e que por regra é utilizado como estratégia indirecta de Estados terceiros para atingirem Israel.

No caso do conflito Irão – Iraque, dois países de religião muçulmana, mas um árabe (Iraque) e outro persa (Irão), será interessante analisar porque é que o Iraque invadiu o seu vizinho Irão, ou seja, se terão sido razões associadas a uma disputa territorial, ou devido à revolução iraniana no ano anterior (1979) à invasão.

Estudaremos também as duas guerras do Golfo, a primeira em 1991 para travar o expansionismo iraquiano, relacionado com o recurso natural petróleo, com o ocidente a recolocar o equilíbrio de poder na região e, ao mesmo tempo, acautelando os seus interesses económicos. A segunda guerra do golfo, com motivações diferentes da primeira, são os Estados Unidos da América a iniciar o conflito com argumentos apoiados na possível existência de Armas de Destruição Massiva e no eventual apoio do Estado Iraquiano ao terrorismo.

Finalmente, trata-se de uma zona do globo de extrema importância para a vida e a economia mundial, já que é aqui que se encontram os lugares santos das três religiões com maiores repercussões no ocidente, as principais jazidas petrolíferas e os principais produtores de petróleo. Esta zona continua a ser o grande motor do mundo industrializado, pelo que, qualquer agitação política se reflecte nos preços do petróleo e, consequentemente, na economia mundial.

Pretendemos com este capítulo responder á seguinte questão derivada: Quais os factores comuns na origem das guerras interestatais no médio oriente, até há actualidade? Sabendo nós que não existe apenas um factor responsável pelas guerras interestatais.

a. Conflitos Israelo-árabes (1948 – 1973)

(1) A primeira guerra Israelo-árabe (1948-1949)

Em 1896, Theodor Herzl publica “O Estado Judaico”, onde reclama a criação de um Estado para o povo judeu, onde este seria protegido das perseguições anti-semitas. Em 1917, Lord Balfour, ministro dos negócios estrangeiros britânico, propõe um lar judeu na palestina e a independência aos árabes pertencentes ao império otomano. No fim da II Guerra mundial as Nações Unidas adoptam um plano de divisão da palestina, atribuindo 55% dos territórios aos judeus e 45% aos árabes (Boniface, 2009:95). O Estado de Israel é proclamado a 14 de Maio de 1948 e, no dia seguinte, tem início a primeira guerra israelo-árabe, pela posse da terra prometida. Os árabes são derrotados e Israel passa a ocupar 75%



do território da palestina e o estado árabe da palestina não é criado, prolongando-se esta disputa territorial até aos dias de hoje. A guerra isrelao-árabe de 1948-1949 foi um desafio à criação do estado de Israel. A essência deste conflito é a **disputa territorial** entre dois povos á qual chamam “terra santa” (Hinchcliffe, 2008:10).

Ao abordarmos este conflito pensamos ser de considerar mais alguns aspectos: em primeiro lugar, há que salientar que é um conflito em que a **componente religiosa** tem um significado fundamental, opõem-se dois povos, dois tipos de sociedade, duas culturas mas, e mais importante que tudo o resto, são duas religiões que disputam os mesmos locais e os mesmos territórios, mutuamente simbólicos e sagrados. Depois, e decorrente do anterior, trata-se de um conflito cíclico, que se arrasta no tempo e quando, sessenta e três anos depois, escrevemos estas linhas, ainda que com novas nuances, continua a verificar-se com a mesma intensidade e somando pesadas baixas para ambos os lados. O principal factor da conflitualidade é a disputa territorial.

(2)A guerra do Suez (1956)

A crise do Suez evidenciou a ruptura do poder anglo-francês no Médio Oriente (Willmott, 1983:90), a campanha emergiu directamente da deterioração das relações anglo-egípcias. Os ingleses permaneceram como potência colonial no Egipto desde 1882 até 1954, ano em que anuiu deixar o controlo do canal do Suez para os Egípcios. Em 1954-1955 surge na cena política internacional o general Gamal Nasser, que assume a presidência do Estado Egípcio. Passa a encarnar a causa da autodeterminação do povo egípcio, mas também o **nacionalismo árabe**. As relações com o Egipto deixam de ser as melhores, o reconhecimento da china por Nasser enfureceu os americanos e, em consequência, Ingleses e Americanos retiram o apoio à construção da barragem do Assuão. O Egipto responde com a aproximação ao bloco soviético, do qual recebe armamento. A espiral de confrontação aumenta quando Nasser anuncia a nacionalização do Canal do Suez, que será o ponto de partida para a guerra.

Do lado britânico Sir Anthony Eden, primeiro-ministro, encarou a situação como uma ameaça para a Grã-Bretanha, crescendo as pressões para uma operação militar parar restaurar o prestígio britânico e derrubar Nasser. Efectivamente, em 1956 cerca de um quarto das importações britânicas chegavam através do canal do Suez (Nye, 2002:197).

Os franceses encontravam-se a braços com uma revolta na Argélia, encorajada, também, pela rádio cairo. Os franceses sentiam que se subjugassem o Egipto poriam termo



á sublevação argelina. Israel, por seu lado, estava preocupada com o acesso egípcio às armas do bloco soviético, uma vez que o **equilíbrio de poderes**, já desfavorável a Israel, passaria decididamente para o lado dos árabes. Os Estados árabes recusaram-se a reconhecer Israel que para se proteger aproxima-se dos países ocidentais e dos Estados Unidos. O estado de Israel adoptou inicialmente uma postura de neutralidade no contexto internacional, no entanto, rapidamente se aproxima das potências ocidentais, ao mesmo tempo que alguns regimes árabes se inclinam para o bloco soviético, nomeadamente Nasser. A nacionalização do Canal do Suez por parte do Egipto leva a que franceses e ingleses preparem secretamente uma intervenção contra o Egipto. A 29 de Outubro de 1956 Israel inicia a ofensiva com a ocupação do Sinai.

A operação foi planeada para um período em que a União soviética estava a lidar com a revolução na Hungria e os Estados Unidos tinham em mãos uma eleição presidencial.

Israel, que sofria um isolamento económico provocado pelos países árabes ao bloquearem a navegação israelita no Suez e no estreito de Tiram, pretendia uma livre circulação das suas mercadorias e a possibilidade de Nasser ser destituído. Serviu também para confirmar a existência do estado de Israel.

A ameaça soviética e a recusa dos Estados Unidos em apoiar as potências europeias fazem com que estas se retirem a 22 de Dezembro. O mesmo acontecendo com os Israelitas, que retiram do Sinai.

Apesar da particularidade da intervenção directa de potências não regionais, este conflito inscreve-se no contexto clássico das Guerras Israelo-Árabes, já que contribuiu para a criação de um equilíbrio de forças que iria perdurar por mais de dez anos. Como principais factores da conflitualidade apontámos o nacionalismo árabe, o equilíbrio de poderes e razões económicas.

(3)A guerra dos seis dias (1967)

Em 1967 o estado de Israel não tinha fronteiras naturais, continuava sem ser reconhecido pelos seus vizinhos árabes e estendia-se numa área de apenas 36260 Km². Portanto, não dispunha de profundidade necessária para manobrar para um contra-ataque, isto é, não tinha espaço para combater defensivamente os seus inimigos. O plano estratégico de Israel centrava-se na necessidade de uma acção ofensiva antecipada.



Um mês antes da Guerra nenhum dos actores do conflito previa que uma importante guerra interestatal estava no horizonte (Cashman, 2007:155).

Muitos dos países do médio oriente viram a sua configuração territorial definir-se depois da primeira guerra mundial. O fim do Império Otomano dá assim lugar à aplicação das disposições do acordo de Sykes-Picot (1916), concluído secretamente entre a França e a Grã-Bretanha. A França obtém o controlo sobre as províncias da Síria e do Líbano, ficando a Grã-Bretanha com a Palestina, a Transjordânia e o Iraque. A declaração de Balfour em Novembro de 1917, a favor da criação de um “lar nacional” judeu na Palestina, terá consequências muito profundas (Boniface, 2009: 86), nomeadamente, porque será a **disputa territorial** o factor chave do conflito israelo-árabe (Cashman, 2007:155). Associado ao factor território está a **religião** e a disputa entre Judeus e Muçulmanos pela cidade santa de Jerusalém, portanto, é um caso de duas nações que reclamam o mesmo território por razões religiosas. De referir também que foi no fim do Século XIX que aparece o nacionalismo judaico, paralelamente à subida dos **nacionalismo** árabe, outro factor recorrente de conflitualidade.

Um dos factores mais importante que contribuiu para o conflito foi a luta pelos **recursos naturais** nomeadamente pela bacia do rio Jordão, que vai provocar uma série de confrontos limitados na fronteira de Israel com a Síria, tendo sempre por catalisador a percepção que um dos lados pretendia desviar o curso do rio Jordão.

Outro sinal de preocupação corrente é a **corrida ao armamento**. Entre 1960 e 1965 a percentagem do PIB para a defesa aumentou de 7 para 12,2 no Egipto, e de 8,6 para 11,5 em Israel (Cashman, 2007:173). Os arsenais dos dois maiores actores regionais registavam um aumento galopante de carros de combate, aviões e mísseis. Cada um dos Estados acusava o outro de corrida ao armamento, ameaçando com um ataque preemptivo. A maioria dos líderes israelitas acreditava na doutrina de auto-defesa e que não seria realístico e talvez fatal confiar a segurança de Israel a um actor externo. Esta doutrina significava que Israel tinha de ter um plano de defesa contra um ataque simultâneo dos vários países árabes e tinha por pressuposto estratégico a superioridade militar sobre todos os Estados Árabes. Com o tempo, Israel adoptou a máxima de Ben-Gurion em que Israel podia deter a hostilidade árabe pela fórmula “*Two israeli blows for one arab blow*” (Cashman, 2007:168).



Um dos catalisadores específicos do conflito foi a guerrilha palestina Fatah que, com as suas acções, inflacionou as tensões entre Israel e os Estados Árabes. Só em 1965 a Fatah executou 35 ataques contra Israel, a maioria deles contra o projecto israelita de desvio da água do rio Jordão (Cashman, 2007:178). A assinatura de pactos de defesa envolvendo o Egipto, Síria e Jordânia alimentaram a espiral do conflito em Maio de 1967. Israel vendo o Egipto preparar-se para a guerra decidiu não esperar, antecipando-se.

O **dilema da segurança** diz-nos que passos tomados por uma das partes para aumentar a sua segurança, automaticamente aumentam a insegurança dos seus potenciais inimigos. Esta guerra foi a mais importante, porque deu forma aos problemas territoriais subsequentes (Nye, 2002: 210). Os principais factores da conflitualidade nesta guerra passam por aqueles que já vinham das guerras anteriores, disputa territorial, conflito religioso, nacionalismo judeu e árabe, com maior relevo surge nesta guerra a disputa pelos recursos naturais e por último o dilema da segurança conduz a um ataque preemptivo.

(4) A Guerra de Yom Kippur (1973)

As superpotências sempre tentaram que os conflitos no médio oriente não passassem de regionais para internacionais, o motivo que estava subjacente a este receio era a possibilidade de um confronto nuclear (Tibi, 1998: xiv).

A grande alteração, em termos militares, deu-se com a introdução no status quo existente de um novo dado, o facto de Israel passar a dispor de armamento nuclear, que inviabiliza as pretensões dos estados árabes vizinhos de efectuarem qualquer tipo de ataque convencional. No entanto, tal não terá evitado a guerra de 1973 nem o recurso israelita à ameaça de utilização deste tipo de armamento, numa altura em que tudo levava a supor que já o teriam. Esta constatação e estas considerações merecem, todavia, uma salvaguarda incontornável, uma vez que a política oficial de Israel a este respeito é a de ambiguidade estratégica.

Tendo conquistado vastas áreas de território árabe em 1967, Israel não via razão para os abandonar, pelo menos enquanto os países árabes se recusarem a considerar um acordo de paz. Mas os árabes recusavam-se a considerar a própria hipótese de acordo enquanto Israel não cedesse as suas conquistas.

A estabilidade no Médio Oriente era desejada pelos EUA. O poderio americano estava a ser posto á prova no Vietname. Os EUA armaram Israel na convicção de que o desequilíbrio militar entre judeus e árabes, favorável aos israelitas, seria o suficiente para



dissuadir a guerra. O novo presidente do Egipto, Anwar Sadat, comparativamente com Gamal Nasser, parecia insignificante e destinado a ocupar o cargo por pouco tempo. O tempo viria a provar que não seria assim. Anwar Sadat percebeu que o Egipto não conseguiria destruir Israel, decidindo no entanto que precisava de uma vitória psicológica antes de fazer movimentações conciliatórias.

Este conflito quase que é a segunda-parte da guerra dos seis dias. Os Estados Árabes tentam recuperar o prestígio perdido em 1967, as causas desta conflitualidade continuam as mesmas, acrescentando aqui a novidade do orgulho árabe.

b. Conflitos Israel - Líbano (1982 – 2006)

Os Franceses criaram o Líbano, em 1920, juntando o monte Líbano cristão com os territórios muçulmanos ao longo da costa, tanto a norte como a sul de Beirute. A síria nunca aceitou o Líbano encarando-o num plano de inferioridade em relação a um país estrangeiro (Thompson, 1983:310). O Líbano mantinha-se afastado das guerras israelo-árabes, contudo a afluência gradual de palestinianos minou o frágil equilíbrio de poder no país. Em 1968 a Organização de Libertação da Palestina (OLP) regista o seu primeiro ataque, com grande impacto, a Israel. A partir daqui inicia-se a espiral do conflito, o Líbano (um mosaico religioso: cristãos, xiitas, sunitas e drusos) desmembra-se numa guerra civil, segue-se o avanço sírio para norte e Israel em 1978 para o sul do Líbano até ao rio Litani. No entanto a OLP já tinha, por esta altura, uma forte representação no Líbano e era aqui que planeava as suas acções contra Israel. Estando a OLP sediada em Beirute, Israel não viu outra solução senão, em 1982, avançar para a cidade com o objectivo de expulsar a OLP do Líbano. No entanto ainda hoje se mantém o problema dos palestinianos no Líbano, estando cerca de 400.000 em campos de refugiados. Claramente o principal factor para este conflito foram as **acções terroristas** contra o Estado de Israel, um outro factor é o facto do Líbano se constituir como um **Estado fraco**, em que o poder político tem dificuldade em exercer a sua autoridade.

c. Guerra Irão - Iraque (1980 – 1988)

A guerra Irão - Iraque foi um dos maiores conflitos interestatais no século XX e a primeira grande guerra entre países do chamado “terceiro mundo”.

Como factores remotos identificamos a rivalidade entre estes dois países, que remonta ao ano 637, na batalha de Qadisiya, onde os árabes derrotaram o império persa, conflito este que se foi mantendo ao longo do tempo, tendo o último capítulo no final da I



Guerra Mundial em que com a derrota do império Otomano o Iraque ficou sob mandato britânico, vindo apenas a adquirir a sua independência em 1932. O Irão adquiriu o actual nome em 1935 quando o imperador Reza Pahlavi mudou o nome de Pérsia para Irão – “*Land of Aryans*” (Cashman, 2007:269).

Em 1958, o Iraque abandona a Organização do Tratado Central (CENTRO), que era a frente americana anticomunista no médio oriente, passando depois a receber apoio soviético. Por outro lado, o Irão permanecendo na CENTRO passa a ser um dos pilares da política americana no médio oriente juntamente com a Arábia Saudita. O conflito Irão-Iraque tornou-se num confronto ideológico entre conservadores pro-monarquia e pro-oeste contra um radicalismo revolucionário pro-soviético (Cashman, 2007:269). Entre 1935 e 1980 os dois países estiveram envolvidos em cerca de 17 disputas militares sendo a maioria entre 1960 e 1980 (Singer, 1998, 152). Desenvolveu-se entre as duas nações o clássico dilema de segurança entre 1969 e 1975, o Iraque duplicou o tamanho do seu exército a seguir a 1973, pelo lado dos iranianos a percentagem do PIB para a defesa aumentou de 5,6, em 1969, para 15 em 1978. Os acordos de Argel, em 1975, sobre as disputas fronteiriças nomeadamente em *Shatt al-Arab*, pacificaram as relações por quatro anos até á revolução iraniana de 1979 (Cashman, 2007:270).

Dos vários factores que podem levar os Estados ao conflito, o **território** é um dos mais prementes. Neste caso, as disputas territoriais não resolvidas envolvem também questões económicas, por ser uma das regiões com mais reservas de petróleo e partilha comum ao longo da fronteira. O recurso água está também em disputa porque vários rios iraquianos têm a sua origem nas montanhas do Irão e o desvio destas águas afectava os níveis de água no Iraque (Cashman, 2007:271).

A disputa territorial mais importante é na região de *Shatt-al-Arab* (Rio Árabe), situa-se na confluência do rio Tigre e Eufrates terminando no golfo pérsico. O último terço deste curso de água forma a fronteira entre o Iraque e o Irão. Esta porção navegável de água é crítica económica e militarmente por razões estratégicas. Mais crítica para o Iraque por ser crucial para o transporte do petróleo do rio tigre para o golfo. Enquanto o Irão tem uma longa costa com o golfo pérsico não estando dependente do *Shatt* para o transporte do seu petróleo. O Iraque usou esta disputa territorial para provocar a guerra em 1980. Era intenção de Saddam colocar de novo a fronteira Irão - Iraque na margem oriental do *Shatt-al-Arab*, que alegadamente os iranianos ocupavam desde 1971.



Para além das disputas territoriais, estes dois países divergem também no culto **religioso**. Apesar de fazerem parte do vasto mundo islâmico o Iraque é governado por uma elite Sunita e o Irão é o centro do mundo Xiita. No Irão uma maioria de 90 a 97 por cento é Xiita, enquanto no Iraque não existe homogeneidade religiosa, onde cerca de 55 por cento da população é Xiita, que se opõe á minoria sunita no governo (Cashman, 2007:273). A revolução iraniana de 1979 levou ao poder uma teocracia, que começou a interferir nos assuntos religiosos do Iraque, introduzindo o elemento ideológico no conflito entre os dois países. O Irão começou a treinar a guerrilha Xiita no Iraque, este por seu lado começou a apoiar os árabes na província do Khuzistão. Saddam sentiu-se de alguma forma ameaçado com esta interferência, por mais de metade da população ser Xiita. No entanto o ataque ao Irão foi lançado predominantemente a partir de território Xiita, que se manteve leal ao Estado durante a guerra.

Os conflitos territoriais e religiosos são acompanhados também por diferenças **étnicas e culturais**. A maioria dos iraquianos são árabes e falam árabe, a maioria dos iranianos são persas e falam Farsi. A mútua antipatia entre iraquianos e iranianos baseado na etnicidade (Persas versus Árabes) ou na raça (Arianos versus Semitas) é usado pelos políticos para mobilizar o seu país e demonizar a parte oposta. Não foi uma causa directa da guerra, mas uma razão adicional que pode levar ao início de um conflito.

Quanto ao ambiente internacional, em 1980 o Iraque estava perto do auge da sua força, tinha uma economia em crescimento e era o segundo maior produtor de petróleo da OPEC. As portas estavam abertas para representar o papel de líder na política regional. O seu maior rival, o Egipto, encontrava-se mal visto no mundo árabe pelo acordo de paz que estabeleceu com Israel em Camp David. Por outro lado, a ameaça do fundamentalismo islâmico fez com que os Estados do Golfo dependessem do poder militar do Iraque para a defesa dos seus interesses. O Iraque era um forte apoiante da Organização de Libertação da Palestina (OLP) e vinha fomentado a inimizade entre árabes e israelitas. Por não interessar o ascendente iraquiano sobre o mundo árabe, Israel apoiou o irão com sobressalentes para os aviões, esperando que esta guerra esgotasse os recursos dos dois países.

Vamos agora abordar os vários **catalisadores específicos** que conduziram ao conflito. A revolução iraniana vai causar uma apreensão imediata no Iraque, quando declarações de responsáveis iranianos dizem que um governo islâmico é a única forma de governo aceitável no mundo islâmico, em oposição aos governos de carácter secular, como o do



Iraque. O próprio Khomeini, num discurso disse que “*We will export our revolution to the four corners of the world because our revolution is Islamic*”. Motivados pelo sucesso da revolução, os iranianos pensavam que podiam vencer qualquer obstáculo. De tal forma que na primavera de 1980 já tinham intensificado o seu apoio aos Xiitas iraquianos, levando os iraquianos a concluir que podia estar em causa a separação do país, concretamente um estado Curdo a norte, a sul um Xiita e ao centro um estado Sunita. Em face disto, o Iraque tenta uma aproximação ao regime iraniano, sem sucesso, concluindo que o Irão não está interessado em cooperar. Em 1980 a liderança iraquiana entende que tem uma janela de oportunidade, em que os custos de uma guerra podem ser mínimos e as hipóteses de sucesso substanciais.

Khomeini desconfiava da lealdade dos militares, como tal purgou 30 a 50 por centos dos oficiais com posto igual ou superior a major, cancelou a compra de equipamento militar e reduziu o orçamento para metade, cerca de 7.3 % do PIB e, por outro lado, criou os Guardas da Revolução, que ficavam sob a ordem dos clérigos. Em Novembro de 1979, o departamento de defesa americano declara que o exército iraniano já não era uma força eficaz (Cashman, 2007:278). O Iraque continuava a fortalecer o seu exército, com o apoio da URSS, tendo em 1980 os mesmos homens que o Irão, cerca de 242.000 militares. A revolução iraniana tinha provocado uma alteração completa do desequilíbrio militar a favor do Iraque. Uma das causas da instabilidade no golfo pérsico passa a ser a inexistência de um equilíbrio natural do poder na região. Historicamente a percepção de uma vitória rápida e fácil foi o factor com maior peso na decisão de ir para a guerra (Cashman, 2007:278). Daí que a sua causa imediata se centre, sobretudo, nos dirigentes das duas nações (Orr, 1983:294). A decisão de Saddam Hussein em atacar o Irão baseou-se, assim, em alguns erros de análise:

- Que o fundamentalismo islâmico iria espalhar-se e minar a autoridade do regime. No entanto os Xiitas mantiveram-se leais ao regime.
- Que os sunitas da província do Khuzistão no Irão se iriam revoltar contra o regime islâmico se as forças iraquianas entrassem no Irão. O que não aconteceu.
- Que não havia unidade no regime iraniano e que o regime de Khomeini cairia em caso de invasão iraquiana. Tal não sucedeu.
- Que a sua superioridade militar levaria a uma vitória fácil. Não se verificou.



Outro factor foi a cultura da elite política iraquiana que acredita que a melhor forma para resolver os problemas, quer internos quer internacionais, era através do uso da força. Não existiu algum incidente isolado que desse início à guerra. A espiral de conflito iniciou-se com a revolução iraniana, continuando com várias interações entre os dois países, já explicadas anteriormente. As escaramuças na fronteira dos dois países tornaram-se frequentes e mortais no verão de 1980 e, finalmente, a 22 Setembro de 1980, cinco divisões mecanizadas atravessaram a fronteira atacando alvos militares e económicos no Irão.

d. A guerra do Golfo (1990 – 1991)

A 02 de Agosto de 1990 Saddam Hussein invadiu o Kuwait. Invocou a história para provar que o Kuwait deveria ser uma província do Iraque. A ideia que as **fronteiras coloniais** não tinham significado prometia provocar uma enorme instabilidade noutras regiões do mundo pós-colonial. Por outro, lado existiam fortes **razões económicas** e políticas para a atitude do Iraque. Este tinha ficado economicamente devastado com a guerra Irão – Iraque, possuía uma dívida de 80 mil milhões de dólares, que aumentava a um ritmo de 10 mil milhões de dólares por ano (Nye, 2002:213). Além de que o Kuwait era uma “mina de ouro” mesmo ali ao lado, o Iraque estava descontente com a sua política petrolífera, argumentando que o Kuwait não cumpria os acordos da OPEP, vendendo **petróleo** a preços mais baixos.

Politicamente, Saddam acreditava que a comunidade internacional queria enfraquecer o seu país. Os israelitas já tinham bombardeado o Iraque em 1981, por causa do reactor nuclear, estávamos, também, no **fim da guerra fria** e assistia-se a um enfraquecimento da união soviética e a um fortalecimento dos EUA. A inconsistência da política americana pós guerra fria induziu Saddam em erro pois acreditava que podia invadir o Iraque sem sofrer grandes represálias. A 17 de Janeiro de 1991 tem início o ataque da coligação às forças de Saddam Hussein.

Como causas para esta guerra apontámos as razões económicas, a posse de recursos naturais e as alterações de poder no Sistema Internacional.

e. A guerra do Iraque (2003)

Esta foi uma guerra em que as causas são, de alguma forma, únicas. Muitos dos factores que normalmente causam as guerras interestatais não estiveram aqui presentes. Não estavam em causa disputas territoriais entre os EUA e o Iraque. Não estavam em



causa alterações no sistema internacional que pusesse os EUA em perigo. Nas relações bilaterais, económica e militarmente, nada punha em causa o poder americano. Não existia uma corrida ao armamento, nem nenhuma espiral de conflito se adivinhava, nenhum país estava com problemas internos, e também não estava em causa qualquer das lideranças políticas dos países.

Foi uma guerra baseada na percepção de uma ameaça realçada por vários factores: uma administração que entendia que o Iraque fazia parte do “eixo do mal”, merecendo por isso estar no topo da agenda Americana; o aumento do nível de ameaça com a possível posse de **armas de destruição massiva** pelo Iraque; um processo de recolha de informações que levou a não ter em conta evidências contrárias á sua percepção da ameaça; lições da história levaram a administração a concluir que o tempo estava contra e que o perigo de inacção era alto; o **ataque terrorista** de 11 de Setembro de 2001 aumentou o sentimento de ameaça e vulnerabilidade, assim como a necessidade de acção (Cashman, 2007:361).

Os americanos viam com algum receio um possível apoio de Saddam à organização terrorista Al Qaeda, nomeadamente, e por possuir informação pouco precisa, que esta pudesse ter ao seu alcance armas com maior poder destrutivo (Hinchcliffe, 2008:123). A 20 de Março de 2003 começou a guerra. Como principais causas desta guerra referimos a possível proliferação de ADM e o terrorismo transnacional.

Analizamos neste capítulo os principais factores que estiveram na origem dos conflitos interestatais no Médio Oriente e que se mantêm actuais. No capítulo seguinte iremos estudar vários cenários futuros e avaliar se estas causas continuarão a reproduzir conflitos interestatais.

5. Prospectiva da tendência dos conflitos armados para o Médio Oriente, com foco em 2025.

Neste capítulo, pretendemos prospectivar alguns cenários, mas como diz Michel Godet, em prospectiva o método dos cenários leva em geral 12 a 18 meses para seguir o encaminhamento lógico na sua totalidade, só pode ser tarefa de especialistas em obras de grande fôlego (Godet:1993: 62). Vamos, portanto, apresentar uma síntese de possíveis cenários elaborados pela NATO, União Europeia, CIA e outros autores.



Verificamos em capítulos anteriores que o médio oriente é uma das regiões onde as guerras interestatais têm vindo a estar presentes. Estudamos as causas de algumas dessas guerras, procuraremos agora analisar se as guerras interestatais continuam a estar presentes num futuro não muito longínquo.

Pretendemos com este capítulo responder á seguinte questão derivada: Qual o cenário de conflito, mais provável, prospectivado para o Médio Oriente?

a. Factores de instabilidade/conflitualidade actuais

A ascensão de uma nova potência tem sido acompanhada de incerteza e inquietações. Frequentemente, mas não sempre, seguiu-se-lhe o conflito violento (The Economist 25 Junho de 1998). Esta frase da revista *Economist* referia-se á China, no entanto podemos fazer a analogia para o Médio Oriente da actualidade e, aplicar o mesmo raciocínio ao Irão, naturalmente ao nível regional. A instabilidade no Médio Oriente tem levado á possibilidade de um confronto Xiitas vs Sunitas nomeadamente entre o Irão e a Arábia saudita (Stratfor, 09Abr2011).

Israel, para além do Líbano, Síria e Irão, tem neste momento um desafio muito maior que tem a ver com o novo posicionamento do Egipto, com a saída do Presidente Mubarak, a futura posição política do Egipto relativamente aos acordos de paz é uma incógnita.

Um dos sinais de possível conflitualidade futura é a corrida ao armamento. Não podemos esquecer que as despesas militares das seis principais potências europeias triplicaram e os seus exércitos duplicaram em tamanho entre 1880 e 1914 (Pinto, 2005:19). O Irão pode destabilizar a região se obter ADM, além de provocar uma corrida ao armamento, altera o equilíbrio de poder.

O equilíbrio de poder é outro factor passível de provocar conflitos. Dois navios de guerra do Irão passaram o Canal do Suez com destino ao porto de Latkia na Síria, país aliado do Irão e inimigo de Israel. Foi a primeira travessia deste género desde a revolução islâmica iraniana, há 32 anos, o que deixou Israel em alerta. Os iranianos dizem que o objectivo é realizar treinos, mas o primeiro-ministro israelita, Benjamin Netanyahu, considera "grave" o sucedido e acusa o Irão de tentar expandir a sua influência aproveitando as convulsões geradas em alguns países pelas revoltas populares que exigem



a queda dos regimes ditatoriais. O governo de Israel considera que se trata de uma "clara provocação" do Irão (Stratfor 21fev2011).

O presidente Russo Dmitri Medvedev prevê décadas de instabilidade no mundo árabe se os fanáticos chegarem ao poder. Num discurso no Cáucaso na cidade de Vladikavkaz Medvedev descreve a situação dos Estados Árabes como difícil e avisou que o extremismo pode espalhar-se por décadas (Stratfor, 22Fev2011)

O Hamas tem recebido sinais de encorajamento do novo regime Egípcio, em que o ministro dos negócios estrangeiros Nabil Elaraby's tem a ambição de transferir o centro político do Hamas de Damasco para o Cairo, transformando a Faixa de Gaza numa rampa de lançamento para uma política anti-Israel, voltando à hostilidade anterior ao histórico acordo de paz de Camp David (DEBKA, 08Abr2011).

O acordo alcançado entre a Arábia Saudita e o Bahrein para a exploração do petróleo deste último, provocou o aumento de tensão com o Irão, que considera este acordo uma anexação virtual do petróleo da ilha por parte dos Sauditas e que pode levar a um potencial conflito na região, agravado pelo permanente conflito religioso entre Sunitas e Xiitas, Árabes e Persas. As Arábia Saudita juntamente com os Emiratos já têm cerca de 11.000 militares no Bahrein. A 31 de Março o comité para os assuntos estrangeiros do parlamento iraniano condenou a entrada de forças sauditas no Bahrein dizendo "*Saudi Arabia knows better than any other country that playing with fire in the sensitive Persian Gulf region is not in their interests*" (DEBKA, 08Abr2011).

È o mundo actual, que em qualquer momento pode levar a um conflito com maiores proporções, porque os ingredientes estudados do capítulo anterior mantêm-se todos.

b. Cenários

(1) Organização do Tratado do Atlântico Norte (OTAN)¹⁶

O Projecto Futuros Múltiplos (MFP) tem por objectivo criar uma base para o diálogo estratégico, centrando-se na seguinte questão fundamental: Quais são as ameaças e desafios que irão representar o maior risco para os interesses, valores e populações da Aliança, em 2030. Para este efeito, Comando Aliado para a Transformação (ACT) realizou 21 workshops, solicitou a participação directa de representantes de 45 nações e mais de 60

¹⁶ O cenário aqui analisado foi estudado pela OTAN no seu "Multiple Futures Project: Navigating towards 2030" e apresentado em Abril de 2009.



Instituições para explorar a sua experiência e conhecimento político, militar, civil e económico.

Os catalisadores relevantes para este cenário futuro são – novo poder político em fricção com a tomada de decisão internacional; ideologias e visões de mundo concorrentes; conflitos sobre alocação de recursos, e falta de integração económica.

Novos poderes políticos correspondem a uma crescente riqueza absoluta, acompanhada pela proliferação de ADM. Este futuro caracteriza-se pelo poder político, mas num sistema internacional verdadeiramente **multipolar** que é dominado pela concorrência entre potências regionais. Estas potências estabeleceram um frágil equilíbrio onde a globalização e as regras internacionais e as normas são desafiadas pela **competição por recursos** e influência. Estes Estados podem não ter um alcance global, mas regionalmente desempenham um papel significativo a moldar política mundial, promovendo os seus interesses estratégicos e a sua vantagem competitiva. A competição e a procura de recursos, particularmente em espaços sem governo ou governos fracos, continua inabalável, com os Estados mais poderosos a esforçarem-se continuamente para melhorar as suas economias e proteger as suas populações.

Neste futuro, foram identificadas as seguintes condições de risco:

- Mudanças de esferas de influência
- Competição pela supremacia ideológica
- Competição pelos recursos
- Proliferação nuclear e outras capacidades de ADM
- Territórios desgovernados
- Rivalidade interestatal
- Incapacidade do sistema internacional para lidar com as flutuações das grandes potências
- Mudanças nas alianças entre Estados

Apesar de potenciais **conflitos interestatais no Médio Oriente**, no Cáucaso e Sul e Este da Ásia, o confronto convencional em grande escala é improvável. A Aliança terá de responder a uma grande variedade de desafios de segurança que são sobretudo uma consequência da desestabilização e da ausência de governo. O MFP prevê que esses



desafios irão resultar de extremismos desenfreados, migração ilegal e descontrolada e atrito causado pela escassez de recursos.

Uso das novas tecnologias, por aqueles que se opõem a nós, para perturbar as sociedades e atacar as vulnerabilidades da Aliança. O uso da tecnologia, especialmente a tecnologia das ADM, vai exigir o aumento da vigilância e controlo, assim como uma estreita aliança com os nossos parceiros para proteger nossa vantagem tecnológica vital.

Os Adversários irão centrar-se menos em ataques externos e mais em acções subversivas tendo por alvo os princípios fundamentais que se ligam os países da Aliança. Especificamente, os adversários irão atacar a legitimidade dos governos, a solidariedade entre membros e os valores que defendemos – o direito à vida, a liberdade individual e democracia liberal, com base no Estado de direito. Serão usados meios físicos e psicológicos, pelos adversários, para enfraquecer a Aliança. Baseiam-se no extremismo religioso, na inveja ou aversão à nossa riqueza acumulada e recursos. Ataques híbridos combinando guerra tradicional com guerra assimétrica, o terrorismo e o crime organizado. Psicologicamente, usarão a conectividade instantânea dos cada vez mais eficazes meios de comunicação para rejeitar sumariamente os valores liberais e economia de mercado que caracterizam a Aliança. Tentarão usar como vantagem as nossas normas civis, quadros jurídicos e liberdade dos meios de comunicação, para manipular e convencer os outros a rejeitar o nosso modo de vida.

(2) União Europeia¹⁷

A agência europeia de defesa (EDA) propôs ao Instituto de Estudos de Segurança da União Europeia (EUISS) que participasse na elaboração de uma perspectiva a longo prazo das necessidades europeias no domínio da política europeia comum de segurança e de defesa (PESD). Tratava-se de determinar, a partir das fontes de informação disponíveis, as evoluções com maiores probabilidades de ocorrerem no decurso das duas décadas seguintes. A Equipa do EUISS consultou várias centenas de documentos, nomeadamente relatórios especializados, estudos. Ensaio e artigos emanados de organizações internacionais, do sector privado, do meio universitário, de grupos de reflexão e de organizações não governamentais. Pediram o parecer de diversos especialistas sobre

¹⁷ De acordo com o estudo, coordenado por Nicole GNESOTTO e Giovanni GREVI, efectuado para o European Union Institute for Security Studies com o título de “The New Global Puzzle – What World for the EU in 2025?”



determinados temas e países. Depois de identificar e rectificadas eventuais incoerências são apresentadas as questões essenciais e a extrapolação das tendências actuais até 2025.

Cenário global

O sistema internacional caracterizar-se-á ao mesmo tempo pela continuidade e descontinuidade, é pouco provável que dentro de 15 anos seja dominado e estruturado por um único actor mundial ou submetido a uma única tendência global. Portanto, a **multipolaridade** será uma realidade incontornável. A ascensão de novos actores mundiais e regionais como a china, a Índia, o Brasil ou a Indonésia tornará mais heterogéneo o sistema internacional, modificará os equilíbrios estabelecidos e porá à prova a governação mundial. Estes deverão interagir nos diferentes planos e no interior de diferentes esferas de influência, a fim de, ao mesmo tempo, defenderem os seus interesses e superarem em conjunto os problemas mundiais.

Na evolução do SPI distinguem-se três tendências, reaparecimento das políticas das grandes potências, as estruturas regionais multilaterais deverão reforçar-se, finalmente é de encerrar a multiplicação de estados fracos, incapazes de fazer respeitar o primado do direito dentro do seu país e de impedir a difusão da instabilidade fora das suas fronteiras, constituindo-se factores de insegurança. Embora se possa estabelecer um sistema multipolar resta saber de que tipo. A paralisia eventual das instituições internacionais, a multiplicação de disparidades e a eclosão de um discurso nacionalista ou proteccionista poderiam desembocar numa forma de **multipolarismo mais conflitual**, em que as grandes potências disputariam recursos, mercados e esferas de influência.

Certas tendências de fundo como a globalização da economia prosseguirão e deverão acentuar-se, estimulando a interdependência, mas vincando, também, as clivagens no interior dos Estados e entre Estados.

A globalização será o factor mais decisivo para a orientação da política internacional. As vias e os meios que as novas potências seguirão, com o intuito de traduzir o seu peso em influência política, serão elementos determinantes da definição dos futuros sistemas políticos e dos desafios de segurança. Exige também governação: os mercados necessitam de legislação e regulamentos, de estabilidade e previsibilidade. Os Estados conservarão, como é evidente, uma capacidade unilateral de acção, em particular em caso de ameaça directa e iminente.



Os factores estruturais que determinarão os fenómenos de cooperação, de concorrência e de conflitos nas próximas décadas deverão evoluir. Ao lado dos instrumentos tradicionais do poder, militar e económico, serão chamados a desempenhar um papel mais importante do que anteriormente, os critérios de ordem material, intelectual normativos, integração os recursos naturais (combustíveis fósseis, água, solos aráveis), o saber (ciência e inovação tecnológica) e também noções mais abstractas como a legitimidade.

Médio oriente

Esta zona permanecerá uma região de confrontos, dilacerada por tensões políticas e étnicas profundamente enraizadas. Os conflitos endémicos da Palestina e do Iraque arriscam-se a continuar a ser factores de instabilidade generalizada. A questão iraniana será uma variável essencial na equação de segurança regional. Por outro lado a região acumula um certo número de dificuldades. A escassez da água e uma urbanização rápida provocarão uma deterioração das condições ambientais e condições de vida. É provável que a incapacidade de um certo número de Estados de reformar as suas economias prive de emprego milhões de jovens que chegarão ao mercado de trabalho nos próximos 20 anos. A taxa de desemprego e as desigualdades sociais deverão agravar-se e suscitar o descontentamento e a marginalização de certas categorias da população e favorecer a instabilidade social, levando ao aparecimento de movimentos fundamentalistas islâmicos como alternativas aos regimes autoritários no poder. A governação nacional continuará a ser uma preocupação fundamental. Em certos países (Iraque), os conflitos étnicos e a ascensão do sectarismo são susceptíveis de alimentar as tensões políticas e de comprometer a democratização. Noutros estados (Arábia Saudita, Egipto) a transição política para regimes menos repressivos poderá abrir caminho a uma agitação persistente e desencadear uma grande instabilidade na região. Não é possível excluir o risco de um colapso sistémico do Médio Oriente. Uma situação dessas levaria á falência de certos Estados, á queda de regimes autoritários pro-ocidentais e a uma correlação mais estreita dos diferentes conflitos que dilaceram a região.

Recursos: o Médio Oriente é heterogéneo, observam-se importantes diferenças entre países pobres em recursos naturais (Egipto, Jordânia, Líbano), e países ricos em mão-de-obra e em recursos (Irão, Iraque, Iémen e Síria) e os estados do Conselho de Cooperação do Golfo (CCG), ricos em recursos naturais e importadores de mão-de-obra.



Médio Oriente é detentor das maiores reservas mundiais de petróleo e gás, produz actualmente 28% do petróleo do planeta, deverá ascender a 43% em 2030. É o único a dispor de uma forte capacidade de reserva¹⁸, também de grande qualidade e fácil de explorar. Estes recursos terão uma importância capital na resposta ao rápido crescimento das potências emergentes, o médio oriente já satisfaz 50% da procura chinesa e indiana.

Continua a ser provável que as perspectivas económicas da região se mantenham estreitamente ligadas à evolução da situação política (em particular no contexto do conflito israelo-palestiniano, no Iraque e no Irão).

Israel e Palestina: a resolução do conflito israelo-árabe continua a ser o desafio mais importante da comunidade internacional. A palestina permanece a grande causa do nacionalismo árabe e do islão político continuando a suscitar o empenhamento político dos árabes e dos muçulmanos de todo o mundo.

Pertença étnica: dois casos particulares têm uma forte incidência na segurança regional: a questão curda e as relações Sunitas vs Xiitas.

Os curdos constituem uma minoria não negligenciável na Turquia, na Síria, no Iraque e no Irão e têm vindo frequentemente recorrendo à violência para defender os seus direitos culturais e políticos. Um possível estado Curdo independente no Norte do Iraque é uma fonte de inspiração para todos os curdos, podendo servir de base a um movimento irredentista. Por conseguinte, num plano regional, a próxima década será dominada pela “questão curda”.

As elites Árabes consideram os Xiitas como uma heresia persa e não como islão autêntico. Com um Iraque Xiita, será cada vez mais difícil a países como Arábia Saudita, Iémen, Bahrein, Qatar e Emiratos ignorarem os Xiitas nos seus países, podendo levar a tensões internas. A eventualidade de uma intervenção iraniana no golfo pérsico em apoio de minorias étnicas continuará a ser uma importante fonte de preocupações.

(3) Conselho Nacional de Informação dos EUA¹⁹

O relatório do Conselho Nacional de Informação Americano aborda o futuro da globalização, da estrutura do sistema internacional e das divisões entre grupos, que serão as causas dos conflitos ou das convergências.

¹⁸ Ao ritmo actual de extracção 70 anos no caso do petróleo e 245 para o gás natural.

¹⁹ De acordo com o estudo de 2008 do *National Intelligence Council* “Global Trends 2025: A Transformed World”



Cenário Global

A globalização é encarada como um motor omnipresente ao ponto de redefinir as divisões actuais, baseadas na geografia, nos grupos étnicos, no estatuto religioso e socioeconómico.

As características mais evidentes desta “nova ordem” serão a passagem de um mundo unipolar dominado pelos EUA a uma hierarquia relativamente desestruturada de velhas potências e de nações emergentes, e a erosão relativa do poder dos Estados em proveito de actores não-estatais.

O florescimento das potências emergentes, uma economia que se globaliza, uma transferência histórica da riqueza e do poder económico do Ocidente para o Oriente e a influência crescente de actores não-estatais, constituirão as causas da mutação do SPI. Em 2025 o Sistema Internacional será **multipolar**, em simultâneo, o poder relativo de diversos actores não estatais – empresas, comunidades étnicas, organizações religiosas, redes criminosas – irá aumentar.

As rivalidades estratégicas irão provavelmente cristalizar-se em torno do comércio, dos investimentos, da inovação tecnológica, sem no entanto excluir a corrida ao armamento, disputas territoriais e rivalidades militares. Os EUA devem continuar a ser o actor principal mais poderoso, no entanto, o seu poder, mesmo o militar, continuará a diminuir e a sua influência restringir-se-á. É pouco provável que o terrorismo venha a desaparecer, mas se o crescimento económico se concretizar e se o desemprego dos jovens se atenuar no Médio Oriente, o seu poder de atracção poderá diminuir. Por outro lado a difusão das tecnologias e dos conhecimentos científicos porá armas mais perigosas ao alcance dos grupos terroristas activos em 2025.

Ao longo da história, os sistemas emergentes multipolares sempre se revelaram mais instáveis que os sistemas bipolares ou unipolares, se assim for, os próximos vinte anos de transição para um novo sistema estão semeados de perigos. Entre esses perigos citemos a probabilidade cada vez mais forte de uma corrida ao armamento nuclear no Médio Oriente e possíveis conflitos interestatais para o controlo dos recursos naturais.

Médio Oriente

O Relatório do National Intelligence Council (NIC) insiste na superioridade económica crescente da região do Golfo Pérsico, tornando-se este a principal via das trocas mundiais. Assim um estado de guerra prolongado nesta zona poderia ter implicações



globais muito para além do impacto do conflito. A potencial conflitualidade aumentará devido à rapidez das alterações registadas no Médio Oriente e à propagação das capacidades militares nessa parte do mundo.

Não é evidente, que o equilíbrio de forças nascido da dissuasão possa manter-se no Médio Oriente com um Irão dotado da arma nuclear, sem o estabelecimento de limites claros entre os Estados implicados, episódios de conflito de baixa intensidade ocorrendo sob o “guarda-chuva nuclear” poderão conduzir à escalada e a conflitos mais amplos.

A força da ideologia será sem dúvida mais marcada no mundo muçulmano em particular no núcleo árabe. Poderão reaparecer tipos de conflitos a que há muito deixámos de assistir, nomeadamente em torno dos recursos naturais. Desta necessidade poderão resultar conflitos entre estados, por exemplo, governos considerarem o acesso às fontes de energia essencial à manutenção da estabilidade interna e sobrevivência do seu regime.

(4) Cenários propostos por Académicos

Pascal Boniface e Hubert Védrine, no seu “Atlas das Crises e dos Conflitos” apresentam evoluções possíveis para a conflitualidade actual.

Para esta o Médio Oriente Boniface avança com evoluções possíveis para os actuais focos de conflitualidade.

Iraque: fragmenta-se em três estados, um curdo, um Xiita e um sunita, estando este último privado de recursos petrolíferos ou apenas o Curdistão proclama a sua independência. Outra possibilidade os Xiitas majoritários assumem todo o poder e aproximam-se do irão, reacendendo-se a guerra civil (Boniface, 2009:107).

Curdistão: o grande Curdistão, entre 25 e 30 milhões, reuniria os Curdos do Irão, do Iraque, da Síria e da Turquia. Não é desejado pelos curdos turcos e iranianos e suscita a acesa oposição política e militar dos Estados Iraniano, Iraquiano, Sírio e Turco (Boniface, 2009:49).

Palestina: O governo Israelita, sem recusar oficialmente as negociações, continua a colonização na Cisjordânia, tirando partido da política do dado adquirido. O sentimento de injustiça é experimentado de forma cada vez mais viva no mundo muçulmano, alimentando a hostilidade face ao mundo ocidental (Boniface, 2009:97).

Em alternativa, pressões ocidentais, nomeadamente dos EUA, conduzem á aceitação do estado palestino por parte dos israelitas. Dá-se início a uma paz, que



permite o desenvolvimento económico da região e uma melhoria nas relações Islão-Occidente. (Boniface, 2009:97).

Líbano: O Líbano permanece sujeito às diferentes influências externas (Síria, israelita, iraniana, americana) continuando com as suas divisões internas, estagnando economicamente o país, obrigando as elites a fugir. (Boniface, 2009:99).

Israel – Irão: Israel decide proceder, apesar dos Estados Unidos, a ataques preventivos ao programa nuclear iraniano. (Boniface, 2009:101)

O diálogo americano-iraniano fracassa. O Irão crispa-se e continua a avançar para o campo nuclear militar. Os ocidentais são confrontados com o dilema de ver o Irão tornar-se uma potência nuclear ou de se lançarem numa guerra incerta e arriscada para o impedirem de o fazer. (Boniface, 2009:103)

O General Loureiro dos Santos analisa as tendências geopolíticas no seu livro “As Guerras que já aí estão e as que nos esperam se os políticos não mudarem”, onde antevê um sistema multipolar a que chama “Liga” das grandes potências.

Da leitura do quadro geopolítico actual, o Gen Loureiro dos Santos²⁰ antecipa algumas das características do sistema político internacional. Prevê que num futuro próximo se irão consolidar grandes blocos regionais ou “ilhas de poder global” em que cada um deles tem um Estado hegemónico que desempenha o papel de líder sobre as unidades políticas que constituem os blocos. Num segundo nível, existirão actores menos poderosos, mas com poder suficiente para influenciar as estratégias adoptadas pelo seu bloco ou até pelos outros, e no terceiro nível os restantes actores com pouca liberdade de acção, sobrevivendo no sistema.

Temos então no patamar mais elevado a “liga das grandes potências” constituída por cinco países: EUA, China, Índia, Rússia e Brasil, cada um liderando a sua “ilha”, com os EUA a continuarem a ser a maior entre as potências. Estes blocos estão separados por fronteiras pouco definidas onde se cruzam várias influências, definem as suas estratégias de posicionamento, tendo em vista o domínio económico, a investigação tecnológica e o aperfeiçoamento da sua capacidade militar. Todas pretendem ter a capacidade nuclear e alcançar a capacidade anti-míssil.

Não se prevê conflitos directos entre as grandes potências neste sistema, a conflitualidade esperada, quer seja interestatal ou intraestatal, é de baixa intensidade no interior dos

²⁰ Opiniões manifestadas em entrevista a 18 de Abril de 2011.



blocos, em função da desagregação dos estados do terceiro nível, disputas por recursos naturais e tensões étnicas. A multipolaridade está, portanto, a caminho como o demonstra a existência dos vários G's que vão surgindo como resposta às alterações na distribuição do poder global (entrevista, 18Abr2011)

6. Conclusões

A nossa civilização, ou aquilo que consideramos que seja a nossa civilização, não seria aquilo que é, sem todos as guerras que contribuíram para a sua formação. A alteração do sistema internacional no fim da Segunda Guerra Mundial colocou em equilíbrio bipolar, no entanto com grande hostilidade entre os grandes poderes no campo económico, ideológico e político traduzindo-se na utilização preferencial da força militar como instrumento de dissuasão. Este período terminou em 1991 com o fim da guerra fria, tendo início um momento unipolar com os EUA como superpotência, no entanto neste hoje em dia assistimos a uma transição gradual para um sistema multipolar.

Entretanto a comunidade internacional reconhece a existência de novos actores que empregam a força para além do Estado. As Guerras parecem já não obedecer apenas à concepção clauswitziana (Estado, Forças Armadas, População), mas também a uma violência global, assimétrica e permanente, sem origem clara e podendo surgir a qualquer momento. Em consequência surgem académicos que vêm defender o nascimento de “novas guerras”, conflitos que surgem da desintegração dos Estados e a subsequente luta pelo seu controlo por grupos opositores. Que são o resultado da globalização, em consequência do desenvolvimento no sector dos transportes, bem como nas tecnologias de informação e comunicação, provocando polarizações entre o local e o global, a identidade da nação é minada por valores globais e o monopólio do uso legítimo da força é diluído pelo desaparecimento dos vínculos sociais e das normas comuns, bem como pela privatização da violência.

Esta nova conjuntura levou a que vários autores defendam a tese de que as guerras interestatais estão a tender para zero, sendo esta perspectiva Kantiana bastante atractiva, mas pouco realista, fomos atrás de uma resposta.

Os conflitos intraestatais são a esmagadora maioria dos conflitos armados desde o fim da guerra fria atingiu o pico de 52 em 1991-1992 começando depois a declinar rapidamente diminuindo cerca de 40% entre 1992 e 2005. Alguns investigadores acreditam



que os conflitos de fácil resolução estarão no fim, restando aqueles que são considerados mais difíceis de solucionar. Coincidência ou não os factos mostram que a partir de 2004 a tendência de descida do número de conflitos armados terminou. Em 2009, 36 conflitos armados estavam activos em 27 locais diferentes, em comparação com os primeiros anos desta década, temos um aumento de 24% no número de conflitos.

As guerras interestatais, que têm tendência para matar mais pessoas, do que os conflitos intraestatais, têm sido relativamente raras, constituindo agora cerca de 2 por cento de todos os conflitos armados. No entanto o número de conflitos interestatais ao longo do período em estudo não tem uma tendência bem definida, eles são poucos, de uma forma constante ao longo do tempo, não estão ultrapassados e são o resultado de acidentes de percurso e de percepções erradas.

Se analisarmos o número de guerras por Estado, o número de guerras interestatais desce claramente. Podendo concluir-se com esta relativa evidencia, que a tendência é para diminuir, mas é diferente se contabilizarmos as guerras em termos absolutos. Os investigadores dividiam o número de guerras pelo número de Estados do SPI, no pressuposto de que mais Estados produzem mais oportunidades para a guerra, que veio a revelar-se errado, no entanto foi suficiente para passar a mensagem de que as guerras interestatais estavam em curva descendente. Sendo assim quando olhamos para os números absolutos das guerras interestatais de 1946 até aos dias de hoje verificamos que são poucos, de forma constante, com algumas variações no tempo, não resultando numa tendência definida, aparecem com intervalos irregulares e não é expectável que isto se altere no futuro. Um estudo do programa *Correlates of War* ensina-nos que existe uma tendência clara para a diminuição da probabilidade de guerras interestatais no período pós segunda Guerra Mundial e que a principal causa das guerras são as disputas territoriais.

Sem dúvida que existem regiões com menos conflitualidade que outras. Do lado oposto temos o Médio Oriente, que é que a única região onde se verifica o maior número de conflitos interestatais²¹, comparativamente com as outras tipologias, 10 conflitos contra 8 intraestatais. Podemos então concluir, com base nestes dados, que o Médio Oriente não segue a mesma tendência global da conflitualidade armada.

²¹ Ver Lista dos conflitos armados interestatais no anexo B



Encontramos assim resposta para a questão derivada relativa à tendência global dos conflitos e ao caso do Médio Oriente que não segue a tendência global, confirmando a hipótese de que a actual tendência não se verifica em todas as principais regiões do globo.

Avançamos depois para o estudo dos conflitos no Médio Oriente para tentar perceber as razões da conflitualidade na região. Nas guerras israelo-árabes o principal factor da conflitualidade é a disputa territorial pela Palestina associada à componente religiosa, na disputa de Jerusalém. Com a guerra do Suez realçaram como factores de conflitualidade o nacionalismo árabe, o equilíbrio de poderes e as razões económicas. Na guerra seguinte destacou-se a disputa pelos recursos naturais e a entrada no dilema da segurança. Uma nação com o orgulho ferido é sempre um factor a ter em conta, foi o que aconteceu em Yom Kippur. No conflito com o Líbano esteve em causa a actividade terrorista dentro de um Estado fraco, sem capacidade para impor a autoridade. A guerra Irão – Iraque é rica em factores: xiitas vs sunitas; árabes vs persas; disputa territorial; disputa por recursos; má percepção pelos líderes; desequilíbrio regional. Estão aqui quase todos os ingredientes dos vários conflitos. As duas guerras do Golfo trouxeram o factor internacional para a resolução dos conflitos, em 1991 para repor a integridade territorial do Kuwait, em 2003 para evitar a proliferação de ADM e combater o terrorismo.

Encontramos desta forma a resposta à segunda questão derivada, confirmando a hipótese levantada das disputas territoriais da religião e do equilíbrio de poderes, como factores de conflito, naturalmente verificamos que existem mais, já referidos anteriormente.

Portanto falta-nos dar o passo final e perceber se no curto médio prazo a tendência dos conflitos é para manter, vejamos um possível cenário:

A instabilidade no Médio Oriente tem levado á possibilidade de um **confronto Xiitas vs Sunitas** nomeadamente entre o Irão e a Arábia saudita.

Israel, para além do Líbano, Síria e Irão, tem neste momento um desafio muito maior que tem a ver com o novo posicionamento do Egipto, com a saída do Presidente Mubarak, a futura posição política do Egipto relativamente aos acordos de paz é uma incógnita. O **equilíbrio de poder** pode estar em causa.

Este futuro caracteriza-se pelo poder político, mas num sistema internacional verdadeiramente **multipolar** que é dominado pela concorrência entre potências regionais.



Neste futuro, foram identificadas as seguintes condições de risco:

- Mudanças de esferas de influência
- Competição pela supremacia ideológica
- Competição pelos recursos
- Proliferação nuclear e outras capacidades de ADM
- Territórios desgovernados
- **Rivalidade interestatal**
- Incapacidade do sistema internacional para lidar com as flutuações das grandes potências
- Mudanças nas alianças entre Estados

Apesar de potenciais **conflitos interestatais no Médio Oriente**, no Cáucaso e Sul e Este da Ásia, o confronto convencional em grande escala é improvável.

O Médio Oriente permanecerá uma região de confrontos, dilacerada por tensões políticas e étnicas profundamente enraizadas. Os conflitos endémicos da Palestina e do Iraque arriscam-se a continuar a ser factores de instabilidade generalizada. A questão iraniana será uma variável essencial na equação de segurança regional. A escassez da água e uma urbanização rápida provocarão uma deterioração das condições ambientais e condições de vida. A taxa de desemprego e as desigualdades sociais deverão agravar-se e suscitar o descontentamento e a marginalização de certas categorias da população e favorecer a instabilidade social, levando ao aparecimento de movimentos fundamentalistas islâmicos como alternativas aos regimes autoritários no poder.

A potencial conflitualidade aumentará devido à rapidez das alterações registadas no Médio Oriente e à propagação das capacidades militares nessa parte do mundo.

Não é evidente, que o equilíbrio de forças nascido da dissuasão possa manter-se no Médio Oriente com um Irão dotado da arma nuclear, sem o estabelecimento de limites claros entre os Estados implicados, episódios de conflito de baixa intensidade ocorrendo sob o “guarda-chuva nuclear” poderão conduzir à escalada e a conflitos mais amplos.

Não é possível excluir o risco de um colapso sistémico do Médio Oriente. Uma situação dessas levaria á falência de certos Estados, á queda de regimes autoritários pro-ocidentais e a uma correlação mais estreita dos diferentes conflitos que dilaceram a região.

Assim respondemos à questão derivada número 3, confirmando a hipótese de que os conflitos no Médio Oriente têm mais probabilidade de ocorrer.



Estamos a apresentar um cenário estudado por vários peritos e instituições com grande credibilidade, daí atribuímos um elevado grau de fiabilidade a estes estudos, para com base neles podermos concluir que nos próximos 10 a 15 anos gradualmente tenderemos para um mundo multipolar, onde a probabilidade dos conflitos interestatais será baixa, tendo a conflitualidade um maior cariz internacional. O Médio Oriente vai continuar a ser das regiões com maior probabilidade de conflitos, porque os factores encontrados no passado encontram-se no presente e prevêem-se para o futuro.

E desta forma terminámos concluindo a resposta à nossa questão central, percorrendo o passado e o presente e olhando para o futuro.



Referências Bibliográficas

a. Livros

ADLER, Alexandre (2009). O Novo Relatório da CIA – Como será o mundo em 2025? Lisboa: Editorial Bizâncio

ARON, Raymond (1986). Paz e Guerra entre as Nações. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2ª edição.

ARON, Raymon (2009). Clausewitz. Lisboa: Esfera do Caos.

BAYLIS, John, et al. (2011). The Globalization of World Politics: An introduction to international relations. Fifth Edition. Oxford: Oxford University Press.

BIN, Alberto, HILL, Richard, JONES, Archer (1998). Desert Storm: A Forgotten War. London: Praeger.

BOBBIO, Norberto (2000). Teoria Geral da Política. São Paulo: Editora Campus.

BONIFACE, Pascal (2003). As Guerras do Amanhã. Mem Martins: Editorial Inquérito.

BONIFACE, Pascal (2009). Atlas das Relações Internacionais. Lisboa: Plátano Editora

BONIFACE, Pascal (2009). Atlas das Crises e dos Conflitos. Lisboa: Plátano Editora

BOOT, Max (2006). War made New. London: Gotham Books.

BRZEZINSKI, Zbigniew (1997). *The Grand Chessboard: American Primacy and Its Geostrategic Imperatives*. New York: Basic Books.

CASHMAN, Greg, ROBINSON, Leonard C. (2007). An Introduction to the Causes of War: Patterns of Interstate Conflict from World War I to Iraq. Maryland: Rowman & Littlefield.

CLAUSEWITZ, Carl von (1989). On War. Edited and translated by Michael Howard and Peter Paret. Princeton: Princeton University Press.

COOPER, Robert (2006). Ordem e Caos no Século XXI. Lisboa: Editorial Presença.

CORREIA, Pedro de Pezarat (2004). Manual de Geopolítica e Geoestratégia – Volume II. Coimbra: Quarteto Editora.

COUTO, Abel Cabral (1988). Elementos de Estratégia, Vol I. Lisboa: Instituto de Altos Estudos Militares.

COUTO, Abel Cabral (1989). Elementos de Estratégia, Vol II. Lisboa: Instituto de Altos Estudos Militares



CREVELD, Martin Van (1991). *The Transformation of War*. New York, London: The Free Press.

CREVELD, Martin Van (1999). *The Rise and Decline of the State*. Cambridge: Cambridge University Press.

DAVID, Charles Philippe (2001). *A Guerra e a Paz: Abordagens Contemporâneas da Segurança e da Estratégia*. Lisboa: Instituto Piaget.

DIAS, Carlos Manuel Mendes (2010). *Sobre a Guerra: Política, Estratégia e Tática*. Lisboa: Prefácio.

FRIEDMAN, George (2010). *Os próximos 100 anos: Uma Previsão Para o Século XXI*. Lisboa: Dom Quixote.

FRIEDMAN, George (2011). *The Next Decade*. New York, London: Doubleday.

FRIEDMAN, Thomas (2008). *Hot, Flat and Crowded*. New York: Farrar, Straus and Giroux.

GARCIA, Francisco Proença (2010). *Da Guerra e da Estratégia: A Nova Polemologia*. Lisboa: Prefácio.

GELLER, Daniel S., SINGER, J. David (1998). *Nations at War: A scientific study of international conflict*. Cambridge: Cambridge University Press.

GILBERT, Martin (2008). *The Routledge Atlas of the Arab-Israeli conflict*. Ninth Edition. London, New York: Routledge.

GILBERT, Martin (2009). *História de Israel*. Lisboa: Edições 70.

GILBERT, Martin (2009). *História do Século XX*. Lisboa: Dom Quixote.

GNESOTTO, Nicole, GREVI, Giovanni (2008). *O Mundo em 2025: Segundo os especialistas da União Europeia*. Lisboa: Editorial Bizâncio

GNESOTTO, Nicole, GREVI, Giovanni (2006). *The New Global Puzzle – What World for the EU in 2025?* Paris: European Union Institute for Security Studies.

GODET, Michel (1993). *Manual de Prospectiva Estratégica : da antecipação à acção*. Lisboa : Dom Quixote.

GODET, Michel (2000). *Caixa de Ferramentas Estratégica*. Lisboa: CEPES.

GRAY, Colin (2005). *Another Bloody Century: Future Warfare*. London: Weidenfield&Nicolson.

HINCHCLIFFE, Peter, EDWARDS, Beverley M. (2008). *Conflicts in The Middle East Since 1945*. New York: Routledge.

HOLSTI, Kalevi J. (1996). *The State, War, and the State of War*. New York: Cambridge University Press.

JONES, Curtis F. (2010). *Divide and Perish: The Geopolitics of the Middle East*.



Bloomington: AuthorHouse.

JOUVENEL, Hugues (2004). *Invitation A La Prospective*. França: Edição Futuribles.

LEVY, Jack S., THOMPSON, William R. (2010). *Causes of War*. Oxford: Wiley-Blackwell.

LUTTWAK, Edward (2002). *Strategy: The Logic of War and Peace*. Londres: Harvard University Press.

MACK, Andrew (2007). *Global Political Violence: Explaining the Post-Cold War Decline*. *Coping with Crisis: Working Paper Series*. International Peace Academy.

MANDELBAUM, M. (1999). Is major war obsolete? *Survival*, 40, pag. 20 – 28.

MARCIAL, Elaine C., GRUMBACH, Raul J. S. (2008). *Cenários Prospectivos: como construir um futuro melhor*. Rio de Janeiro: Editora FGV.

METZ, Steven (2000). *Armed Conflic in the 21st Century: The information Revolution and Post-Modern Warfare*. Carlisle: US Army War College, Strategic Studies Institute.

MOITA, Luís (2005). Os conflitos dos últimos 25 anos. *Janus 2005 – Anuário de relações exteriores*, Público UAL, 124-127.

MOREIRA, Adriano (1996). *Teoria das Relações Internacionais*. Coimbra: Livraria Almedina.

MÜNKLER, Herfried (2005). *The New Wars*. Cambridge: Polity Press.

NYE, Joseph S. (2002). *Compreender os Conflitos Internacionais: Uma Introdução à Teoria e à História*. Lisboa: Gradiva.

KALDOR, Mary (2006). *New & Old Wars*. 2nd Edition. Stanford: Standford University Press.

KEEGAN, Jonh (2009). *Uma História da Guerra*. Lisboa: Tinta da China.

KHANNA, Parag (2008). *The Second World: Empires and Influence in the New Global Order*. New York: Random House.

KISSINGER, Henry (1996). *Diplomacia*. 1^a Edição. Lisboa: Gradiva.

KLARE, Michel T. (2002). *Resource Wars: The New Landscape of Global Conflict*. New York: Owl Books.

PERES, Shimon (2003). *Tempo para a Guerra, Tempo para a Paz*. Lisboa: Dom Quixote.

PINTO, Maria do Céu P. F. (2008). *Infiéis na terra do Islão: os Estados Unidos, o Médio Oriente e o Islão*. 2^a ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.

QUIVY, Raymond, CAMPENHOUDT, Luc Van (2008). *Manual de Investigação em Ciências Sociais*. 5^a ed. Lisboa: Editora Gradiva.

RECORD, Jeffrey (2007). *Beating Goliath: Why Insurgencies Win*. Washington, D.C.: Potomac Books.



SANTOS, José A. Loureiro dos (2009). As Guerras que já aí estão e as que nos esperam se os políticos não mudarem. Mem Martins: Publicações Europa-América.

SANTOS, José A. Loureiro dos (2010). História concisa de como se faz a Guerra. Mem Martins: Publicações Europa-América.

SMITH, Rupert (2008). A Utilidade da Força. A Arte da Guerra no Mundo Moderno. Lisboa: Edições 70.

STEINGART, Gabor (2009). O Conflito Global ou a Guerra da Prosperidade. Lisboa: Editorial Presença.

THOMPSON, Robert, et al. (1983). A Guerra no Mundo. Lisboa: Editorial Verbo.

TIBI, Bassam (1998). Conflict and War in the Middle East: from Interstate War to New Security. 2nd Edition. New York: Palgrave Macmillan.

TOFFLER, Alvin (1991). Os Novos Poderes. Carnaxide: Editora Livros do Brasil.

TOMÉ, Luís (2004). Novo recorte geopolítico mundial. Lisboa: EDIUAL.

VÄYRYNEN, Raimo, et al. (2006). The Waning of Major War: theories and debates. London, New York: Routledge.

WALLENSTEEN, Peter (2007). Understanding Conflict Resolution. Second Edition. London: SAGE.

WALLENSTEEN, Peter, PETTERSSON, Therése, THEMNER, Lotta (2010). States in Armed Conflict 2009. Uppsala: Uppsala University.

WILLIAMS, Paul D. (2008). Security Studies: Na introduction. New York: Routledge.

b. Monografias, Teses e Artigos de Opinião

BELASCO, Amy (2010). The Cost of Iraq, Afghanistan, and Other Global War on Terror Operations Since 9/11. Washington DC: Congressional Research Service.

FERNANDES, Luís L. (2005) A Metamorfose do Sistema Vestefaliano e o Domínio Teórico das Relações Internacionais: Alguns Desafios Metodológicos. Nação e Defesa nº 110. Lisboa: Instituto da defesa nacional.

LUTTWAK, Edward N (1999). Give War a Chance. Foreign Affairs. July/August.

MOITA, Luís (2007). Transições que se verificam no uso da violência e nos conflitos armados. In Notas para a Cadeira de Guerra e Paz nas Relações Internacionais – Curso de Estado-Maior Conjunto. Instituto de Estudos Superiores Militares. Lisboa.

PINTO, Maria do Céu (2005). Tendências nos Conflitos de Fraca Intensidade. Nação e Defesa nº 112. Lisboa: Instituto de Defesa Nacional.



PINTO, Maria do Céu (2007). A evolução da conflitualidade. Caracterização e tendências dos actuais conflitos. Boletim Informativo Cidadania e Defesa nº 28. Lisboa: Associação de Auditores dos Cursos de Defesa Nacional.

VICENTE, João Paulo Nunes (2010). Estudos sobre o futuro do fenómeno da Guerra. Revista Militar nº 2501/2502 – Junho/Julho de 2010. Lisboa: Empresa da Revista Militar.

GARCIA, Francisco Proença - O Fenómeno da Guerra no nosso século. In Relações Internacionais, Nº. 22, Junho, 2009, p. 103-120.

c. Documentos e Declarações oficiais

Global Trends 2025: A Transformed World (2008). United States National Intelligence Council.

Multi Future Project: Navigating towards 2030 (2009). ACT/NATO

The New Global Puzzle: What World for the EU in 2025? European Union Institute for Security Studies (ISS).

d. Entrevistas

SANTOS, José Loureiro dos (2011) - General

TOMÈ, Luís (2011) – Professor do IESM e da Universidade Autónoma de Lisboa, Doutor

GARCIA, Proença Garcia (2011) – TCor, Doutor

WALLENSTEEN, Peter (2011) – Insvestigador da Universidade de Uppsala

IESM, 29 de Abril de 2011

O aluno do CEM-C

Sidónio Carneiro Dias

Maj Eng



ANEXO A – Conceptualização

Conflito Armado é uma " utilização da força armada entre duas partes motivada por uma incompatibilidade de governo, território ou de ambos, e da qual resulta pelo menos 25 baixas directamente relacionadas com o conflito armado. Entre as partes em confronto uma é o governo de um estado" (Havard Strand et al. Armed Conflict Dataset Codebook. Oslo: PRIO/Uppsala University / Norwegian University of Science and Technology, versão 4, 2009).

Guerra é uma “ violência organizada entre grupos políticos, em que o recurso à luta armada constitui, pelo menos, uma possibilidade potencial, visando um determinado fim político, dirigida contra as fontes de poder do adversário e desenrolando-se segundo um jogo contínuo de probabilidades e azares” (Couto, 1988)

Prospectiva - Abordagem pluridisciplinar que pretende, por um lado, explorar os futuros possíveis a médio e longo prazo, fazendo portanto um exercício de antecipação, e, por outro, pretende também examinar quais são as políticas e as estratégias que podem ser adoptadas para inflectir o curso da evolução no sentido do futuro desejado por quem faz esse exercício. Entende-se que o futuro não está predeterminado, ou decidido à partida. «*Les jeux ne sont pas faits d'avance*», contrariando assim uma visão mais determinista; o futuro não se pode adivinhar, como se julgava na Antiguidade, mas pode ser construído. Por isso, na sua essência, nenhuma disciplina pode predizer o futuro ou o pode prever de um modo “científico”. O futuro está em aberto e o desafio é tomar as acções possíveis de forma a “construir” o futuro escolhido, mais do que ser vítimas de um futuro alheio. A prospectiva não é nem predição, nem profecia, nem ficção científica.

Entende-se assim que o futuro não nasce do nada, e o que se pode fazer é descortinar as suas tendências pesadas ou as emergentes, perceber quem são os seus actores, e procurar desenhar quais são os futuros possíveis ('futuríveis' – *futuribles*) que daí poderão surgir. Por tudo isso é uma actividade intelectual de alto risco. Mas é cada vez mais necessária nos tempos que correm, ou então a acção limita-se a gerir as urgências, deixando de ter margem de manobra para construir o futuro que se deseja (“*futurable*”) (Jouvenel, 2009).

Neste capítulo aplicaremos uma metodologia de prospectiva apoiada nos factores identificados no parágrafo anterior. Aplicaremos o Método dos Cenários que consiste



basicamente em 4 etapas precisas – Análise do Sistema, Retrospectiva, Estratégia de Actores, Elaboração de cenários. Identificaremos os factores de conflitualidade a ter em conta e seguidamente é aplicada uma técnica de prospectiva. No ponto seguinte fazemos a análise dos resultados e partimos para a cenarização

A prospectiva permite identificar, para os cenários futuros possíveis, importantes indicadores, o que ajudará no meio da avalanche de dados do presente os que podem determinar o futuro ou mesmo os que apesar de parecerem limitados ou pequenos no presente podem levar a grandes consequências. Seguiremos a metodologia proposta por Michel Godet (2000). A implementação desta metodologia faz apelo à existência de estrutura de funcionamento adequada e que acompanhe como necessário a evolução e desenvolvimento dos factores e actores relevantes para a definição de estratégias a médio longo prazo.

Metodologia da Universidade de UPPSALA

De acordo com o programa de dados dos conflitos armados de Uppsala (UCDP) um conflito armado é definido como, onde o uso da força armada entre duas partes, perfeitamente identificadas, resulta em pelo menos 25 mortes relacionadas com o conflito por ano. Vinte e cinco mortes são um limiar inferior, ao de outras organizações com bases de dados sobre os conflitos armados — que significa que o conjunto de dados de Uppsala/PRIO regista mais conflitos do que aqueles que têm limiares mais elevados de nº de mortos por conflito.

A UCDP desenvolveu uma estrutura sofisticada para classificar o tipo e a escala dos conflitos armados (ver www.ucdp.uu.se).

Tipos de conflitos armados

Conflitos armados com base num Estado (*State-based*): são aqueles em que um governo é uma das partes em conflito. Há vários diferentes tipos diferentes de conflitos armados *State-based*:

Conflitos armados Interestatais: ocorre entre dois ou mais Estados.

Conflitos armados Intraestatais: ocorrer conflito armado entre o governo de um Estado e um ou mais actores não estatais dentro do mesmo país.



Conflitos armados Intraestatais Internacionalizados: conflito armado ocorre entre o governo de um Estado e grupos da oposição interna, mas com intervenção adicional de outros Estados sob a forma de tropas.

Conflitos Armados Extraestado: conflito armado ocorre entre um Estado e um grupo não estatal, fora do território desse Estado.

Escala dos Conflitos Armados

Pequenos conflitos armados: envolvem pelo menos 25 mortes relacionadas com a batalha por ano e menos de 1000 mortes relacionadas com a batalha durante o curso do conflito.

Conflitos armados intermédios: envolvem pelo menos 25 mortes relacionadas com a batalha por ano e um total acumulado de menos de 1000 mortes, mas menos de 1000 em um determinado ano.

Guerra: é conflitos armados que envolvem pelo menos 1000 mortes relacionadas com a batalha por ano.



ANEXO B – Lista das guerras inter-estatais desde a Segunda Guerra Mundial

ANO	NOME DA GUERRA	ESTADOS EM CONFRONTO	OBSERVAÇÕES
1946	Guerra no Norte do Camboja em 1946	França vs Tailândia	Ásia
1946	Guerra do Canal de <i>Corfu</i>	Reino Unido vs Albânia	Europa
1947	1ª Guerra de Caxemira de 1947 - 1949	Índia vs Paquistão	Ásia
1948	Guerra de Hyderabad de 1948	India vs Hyderabad	Ásia
1948	Guerra Israelo-árabe de 1948-1949	Israel vs Síria/Egipto/Jordânia/Líbano/Iraque	Médio Oriente
1950	Guerra da Coreia de 1950-1953	EUA/Coreia Sul vs Coreia do Norte/China	Ásia do Sul
1952	Guerra do Canal do Suez de 1952	Reino Unido vs Egipto	Médio Oriente
1954	Guerra do Estreito de Taiwan 1954-1955	Taiwan/EUA vs China	Ásia do Sul
1956	Guerra do Canal do Suez de 1956	Israel/Inglaterra/França vs Egipto	Médio Oriente
1956	Invasão da Hungria pela URSS em 1956	Hungria vs URSS	Europa
1957	Guerra Honduras - Nicarágua	Honduras vs Nicarágua	América Central
1957	Guerra esquecida de 1957-1958	Espanha/França vs Marrocos	Europa - África
1958	2ª Guerra do Estreito de Taiwan de 1958	Taiwan/EUA vs China	Ásia do Sul
1962	Guerra Sino - Índia de 1962	Índia vs China	Ásia
1963	Guerra das Areias de 1963	Argélia vs Marrocos	África
1963	Guerra Indonésia - Malásia de 1963-1966	Indonésia vs Malásia	Ásia
1965	Guerra do Vietname de 1965-1975	Vietname do Sul/EUA vs Vietname do Norte/China	Ásia



1965	2ª Guerra de Caxemira de 1965	Índia vs Paquistão	Ásia
1967	Guerra dos seis dias de 1967	Israel vs Síria/Egipto/Jordânia	Médio Oriente
1968	2ª Fase da Guerra do Laos de 1968-1973	Laos/EUA vs Vietname do Norte	Ásia
1969	Guerra de atrição 1969-1970	Israel vs Egipto	Médio Oriente
1969	Guerra do Futebol em 1969	El Salvador vs Honduras	América Central
1969	Guerra do rio Ussuri de 1969	União Soviética vs China	Ásia
1971	Guerra da independência do Bangladesh em 1971	Índia/ Paquistão Este (Bangladesh) vs Paquistão	Ásia
1973	Guerra do Yom Kippur	Israel vs Egipto/Síria/Jordânia/Iraque	Médio Oriente
1974	Guerra Turco - Cipriota em 1974	Turquia vs Chipre	Europa
1977	Guerra Tailândia - Camboja 1977-1978	Tailândia vs Camboja	Ásia
1977	Guerra de Ogaden de 1977-1978	Etiópia vs Somália	África
1977	Guerra Vietname - Camboja de 1977-1979	Vietname vs Camboja	Ásia
1978	Guerra Uganda - Tanzânia 1978-1979	Uganda vs Tanzânia	África
1979	Guerra Sino – Vietnamita de 1979	China vs Vietname	Ásia
1979	Guerra Afeganistão – URSS de 1979-1989	Afeganistão vs URSS	Ásia
1980	Guerra Irão – Iraque de 1980-1988	Irão vs Iraque	Médio Oriente
1982	Guerra das Malvinas em 1980	Argentina vs Reino Unido	América Latina
1982	Guerra do Líbano de 1982	Israel vs Síria/Líbano	Médio Oriente
1983	Guerra de Granada de 1983	EUA vs Granada	América Latina
1985	Guerra da faixa de <i>Agacher de 1985</i>	Mali vs Burkina Faso	África



1986	Guerra da faixa <i>Aouzou</i> de 1986- 1987	Líbia vs Chade	África
1987	Guerra Sino – Vietnamita de 1987	China vs Vietname	Ásia
1987	Guerra Tailândia – Laos de 1987-1988	Tailândia vs Laos	Ásia
1989	Guerra Panamá – EUA em 1989	Panamá vs EUA	América Central
1990	Guerra do Golfo de 1990-1991	Kuwait/EUA/Inglaterra/França vs Iraque	Médio Oriente
1993	Guerra de Nagorno-Karabakh de 1993-1994	Arménia vs Azerbaijão	Ásia
1995	Guerra do Cenepa em 1995	Peru vs Equador	América Latina
1998	Guerra de <i>Badme</i> de 1998-2000	Etiópia vs Eritreia	África
1999	Guerra do Kosovo de 1999	NATO vs Serbia	Europa
1999	Guerra de Kargil	Índia vs Paquistão	Ásia
2001	Guerra do Afeganistão	NATO vs Afeganistão (Taliban)	Ásia
2003	Guerra do Iraque	EUA vs Iraque	Médio Oriente
2008	Guerra fronteiriça Djibuti - Eritreia	Djibuti vs Eritreia	África



ANEXO C – Matriz de Validação

ENUNCIADO	QUESTÃO CENTRAL	QUESTÕES DERIVADAS	HIPÓTESES	VALIDAÇÃO HIPÓTESES	RESPOSTA À QUESTÃO CENTRAL
TENDÊNCIA DOS CONFLITOS ARMADOS: MENOS GUERRAS INTERESTATAIS.	“Será a actual tendência para menos guerras inter-estatais duradoura no futuro, ao nível global e regional”	<i>QD 1 – Será que os conflitos no Médio Oriente seguem a mesma tendência tipológica que a tendência geral global?</i>	<i>H1: A actual tendência dos conflitos não se verifica em todas as regiões do globo, nomeadamente no Médio Oriente.</i>	HIPÓTESE VALIDADA	As guerras interestatais são poucas, de forma constante, com algumas variações no tempo, não resultando numa tendência definida, aparecem com intervalos irregulares e não é expectável que isto se altere no futuro. Por outro lado, existe uma tendência clara para a diminuição da probabilidade de guerras interestatais. O Médio Oriente, que é que a única região onde se verifica o maior número de conflitos interestatais. Vai continuar a ser das regiões com maior probabilidade de conflitos, porque os factores encontrados no passado encontram-se no presente e prevêem-se para o futuro.
		<i>QD 2 – Quais os factores comuns na origem das guerras interestatais no médio oriente até à actualidade?</i>	<i>H2: A conflitualidade no Médio Oriente tem como causas, as tradicionais disputas territoriais, o equilíbrio de poder e a religião.</i>	HIPÓTESE VALIDADA	
		<i>QD 3 – Qual o cenário de conflito, mais provável, prospectivado para o Médio Oriente?</i>	<i>H5: Os cenários do futuro continuam a prever conflitos interestatais no Médio Oriente.</i>	HIPÓTESE VALIDADA	